



Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

A Aldeia de S. José de Alcalar: A Inovação de uma Resposta Social

Sophie Veiga Fontes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Serviço Social

Orientadora:
Mestre Maria João Pena, Assistente Convidada
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2011

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

A Aldeia de S. José de Alcalar: A Inovação de uma Resposta Social

Sophie Veiga Fontes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Serviço Social

Orientadora:
Mestre Maria João Pena, Assistente Convidada
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2011

Agradecimentos

Não foi fácil chegar até aqui, descobri que elaborar uma dissertação de Mestrado constitui um processo trabalhoso, ausente, mas muito gratificante. Foi um percurso difícil e sinuoso mas, felizmente, contei com o apoio de diversas pessoas cujo agradecimento é indispensável.

Em primeiro lugar à Mestre Maria João Pena, enquanto minha orientadora, pela disponibilidade demonstrada, pelo saber transmitido, mas, sobretudo pelo apoio e pela motivação ao longo de todo o processo de elaboração da dissertação.

À Aldeia de S. José de Alcalar na pessoa do Sr. Padre Domingos da Costa e à Dr.^a Sara Duarte, coordenadora da Aldeia, pela disponibilidade e auxílio e aos Idosos residentes na Aldeia pelo carinho com que fui recebida.

A todos os professores das Unidades Curriculares do Mestrado em Serviço Social do ISCTE, pelo conhecimento transmitido que muito contribuiu para a minha formação.

Aos meus avós Rosa e Celestino por todo o apoio, pelas muitas horas de espera e sono perdido, pelo amor, pelo carinho e pelo incentivo em fazer sempre mais e melhor... por tudo aquilo que sou!

À minha mãe que, embora distante fisicamente, nunca deixou de me apoiar e animar quando as forças se começavam a desvanecer, fazendo-me sempre acreditar em mim mesma. Obrigada pelo teu amor e dedicação!

Ao meu padrinho que me sugeriu e incentivou no estudo sobre a Aldeia de S. José de Alcalar e que me fez acreditar que seria possível. Obrigada por seres uma presença constante na minha vida e pelo orgulho que tens de mim.

Às minhas colegas pela partilha de conhecimentos, pela entreatajuda, pelas longas conversas telefónicas sobre metodologias e afins, mas sobretudo, pelo vosso apoio.

Aos meus amigos pela amizade, por me fazerem acreditar que tinha potencial para chegar até aqui, pelo incentivo, pelo apoio e pela compreensão das minhas ausências.

Às “Raízes do Tempo”, por todo o apoio, não esquecendo os Idosos, foi graças a eles e à experiência do dia-a-dia que me transmitem que me fez querer ir mais além na busca de conhecimento.

E a todas as pessoas que de uma maneira menos directa contribuíram para chegar até aqui, o meu muito obrigado!

Resumo

Este trabalho consiste numa investigação no âmbito do Serviço Social sobre a promoção de autonomia em idosos institucionalizados. O método utilizado foi o método do estudo de caso incidindo sobre a Aldeia de S. José de Alcalar, enquadrando-se numa abordagem qualitativa e numa perspectiva organizacional, inteiramente voltado para a instituição social em causa e para a resposta social que esta desenvolve. Aborda a questão do envelhecimento enquanto problema social de visibilidade crescente quer na nossa sociedade quer no mundo, o que acarreta alterações demográficas e alterações nos próprios quadros sociais. A pertinência deste estudo remete-se para o facto de permitir a compreensão e descrição aprofundada dos procedimentos adoptados na intervenção com vista à autonomia das pessoas idosas num novo modelo de resposta social.

Como procedimentos metodológicos utilizados a pesquisa contou com a observação estruturada e a aplicação de entrevistas em profundidade com a finalidade de obter informação baseada no pormenor. A aplicação da análise de conteúdo permitiu estabelecer uma relação entre os elementos teóricos, constantes no quadro teórico, e dados empíricos, resultando consecutivamente na chegada ao conhecimento sobre a autonomia nas pessoas idosas institucionalizadas na Aldeia-lar.

Através do presente estudo foi possível constatar que os procedimentos de intervenção se baseiam na questão da autonomia e do empowerment. Foi igualmente possível compreender a importância da promoção da autonomia para os idosos residentes na Aldeia-lar e sistematizar como a própria instituição, os seus profissionais e os próprios idosos a promovem.

Palavras-chave: Envelhecimento, Intervenção Social, Autonomia, Institucionalização, Idosos.

Abstract

This Project is a study based on Social Service and tries to investigate the promotion of the autonomy of the elder ones when institutionalized. The method followed is the study case one, emphasizing the example of S. José de Alcalar's village. This method tries to fit perfectly in a qualitative approach and according to an organizational perspective, entirely focusing the social institution and the social answer that follows. This investigation talks about an important issue

which is the question of getting old as a social problem, which is experiencing a huge increasing not even inside the society but also in the world. This situation brings demography changes and variations in social frameworks. The relevance of this study refers to the fact of allowing the comprehension and in-depth description of the adopted procedures in the intervention for the autonomy of elderly following a new method of social answer.

As methodical procedures used, this research includes a well-structured observation and the use of interviews with the purpose of getting information based on the true reality. The application of content analysis allowed us to establish a relationship between the theoretical elements, contained inside the theoretical framework, and empirical details, resulting in the arrival of the knowledge about the autonomy of the old people institutionalized in the home-village.

Through this study, it's possible to determine that interventional procedures are based on the question of autonomy and empowerment. It was also acceptable to understand the importance of promoting autonomy for older people living in the home-village and systematically as the institution itself, its professionals and older people themselves to promote.

Key words: Aging, Social Intervention, Autonomy, Institutionalization in the Elderly.

Glossário de siglas

ASJA – Aldeia de S. José de Alcalar

CRP – Constituição da República Portuguesa

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituição particular de Solidariedade Social

OMS – Organização Mundial de Saúde

Agradecimentos	v
Resumo.....	vi
Abstract	vi
Glossário de siglas	viii

INDICE DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização dos idosos e da resposta social por parto do mentor do projecto.....	IV
Quadro 2: Caracterização da institucionalização por parte do mentor do projecto.....	VI
Quadro 3: Caracterização da resposta social	VII
Quadro 4: Caracterização da institucionalização ..	VIII
Quadro 5: Intervenção e promoção da autonomia nos idosos	IX
Quadro 6: Caracterização dos idosos participantes no modelo da resposta social.....	X

INDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I – Envelhecimento enquanto problema social	3
1. Envelhecimento: problema social crescente inerente à sociedade	3
2. Dimensão e evolução do problema	9
3. Perspectivas teóricas sobre o envelhecimento/autonomia nos idosos	14
CAPITULO II – Metodologias de Pesquisa	19
1. Problema em análise	19
2. Campo empírico	20
3. Opções metodológicas	21
4. Universo e Amostra	22
5. Técnicas de recolha e Tratamento dos dados	23
CAPITULO III – A Aldeia-lar, a intervenção e a promoção da autonomia nas pessoas institucionalizadas.....	25
1. A institucionalização na Aldeia-lar	25
2. A intervenção e promoção da autonomia nos idosos da Aldeia de S. José de Alcalar.....	31
CONCLUSÃO	35
BIBLIOGRAFIA	39
LEGISLAÇÃO	41
DOCUMENTAÇÃO TÉCNICA	41

BIBLIOGRAFIA WEB.....	41
ANEXO A: Guião de Entrevista I	I
ANEXO B: Guião de Entrevista II	II
ANEXO C: Guião de Entrevista III	III
ANEXO D: Análise de Conteúdo	IV
ANEXO E: Análise de Conteúdo	VII
ANEXO F: Análise de Conteúdo	X
CURRICULUM VITAE	XVII

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constituiu-se na dissertação de mestrado em Serviço Social realizada no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), cujo tema é “A Aldeia de S. José de Alcalar: A Inovação de uma Resposta Social”.

Quer na nossa sociedade, quer no Mundo, o envelhecimento populacional constituiu um fenómeno cada vez mais evidente. A par do progressivo envelhecimento demográfico vem correspondendo uma longevidade crescente que, além de se traduzir numa importante conquista da humanidade, propicia o surgimento de pessoas de idade cada vez mais avançada originando, conseqüentemente, um aumento do número de idosos mais dependentes. Face a tal situação é possível constatar a evolução de algumas respostas sociais mais tradicionais e o surgimento de novas respostas destinadas à terceira idade.

A área da Gerontologia sempre me despertou grande interesse e, ao longo da minha licenciatura foi-me possível adquirir e aprofundar conhecimentos. Actualmente é a minha experiência profissional que me proporciona um contacto diário com as pessoas idosas. Deste modo, a escolha do tema da investigação foi motivada sobretudo do gosto pela temática da terceira idade, mas também pela sua pertinência conferindo-lhe um enquadramento na sociedade actual e colocando a reflexão e discussão científica na área social.

Para dar início à investigação deste estudo de caso surge como pergunta de partida a seguinte questão: Como é efectuada a intervenção tendo por base as questões da institucionalização e autonomia, na resposta social Aldeia-lar? Perante esta questão importa compreender como é realizada a intervenção social.

Posto isto, o objectivo geral do presente estudo consiste em compreender a intervenção efectuada com vista à promoção da autonomia das pessoas idosas num novo modelo de resposta social. Em relação aos objectivos específicos são, nomeadamente:

- Caracterizar os idosos participantes no modelo;
- Compreender o modelo de institucionalização na resposta social Aldeia-lar;
- Estudar a intervenção com vista à autonomia no modelo da resposta social e analisar as suas metodologias;
- Compreender como é que a instituição promove a autonomia;
- Compreender o significado da autonomia para os idosos institucionalizados.

Relativamente ao objecto de estudo da investigação este é constituído pela resposta social “Aldeia-lar”, (meio sócio-institucional). Deste modo, surgem então algumas questões a investigar com a finalidade de dar continuidade ao estudo de caso:

- Como se organiza o modelo de resposta social Aldeia-lar?
- Quais os benefícios do modelo da resposta social para os Utentes que dele fazem parte?
- De que forma o próprio Utente intervém no processo de institucionalização?
- Qual a importância da promoção da autonomia junto dos idosos institucionalizados?
- Quais as metodologias mais adequadas à intervenção no modelo da resposta social com vista à autonomia?
- Que intervenção com vista à autonomia é promovido no modelo da resposta social?

Em relação ao campo empírico, trata-se de um estudo exploratório, com uma lógica de abordagem intensiva e qualitativa, cuja amostra é composta pelo mentor do projecto e gestor do modelo da resposta social, pela coordenadora da Aldeia e pelos Utentes. O meio é a Aldeia-lar de S. José de Alcalar, localizada na Freguesia da Mexilhoeira grande, Concelho de Portimão. O método científico utilizado é o método indutivo. Quanto aos procedimentos metodológicos foi realizada uma análise documental e entrevistas. O tratamento de dados incidiu na análise de conteúdo.

O presente estudo de caso encontra-se dividido em três capítulos, o primeiro aborda, o tema e o seu enquadramento, onde se mencionam os aspectos mais relevantes, dimensão e intervenção do Serviço Social, pretendendo dar uma resposta à pergunta de partida apresentada, através de perspectivas teóricas. O segundo capítulo incide sobre os aspectos metodológicos adoptados para a realização da investigação, e consubstancia a escolha das técnicas de recolha e o tratamento dos dados. Por último, o terceiro capítulo, consiste na apresentação da análise de todos os dados obtidos, no estudo de resultados e na elaboração de conclusões.

CAPÍTULO I - O envelhecimento enquanto problema social

1. Envelhecimento: problema social crescente inerente à sociedade

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), um idoso é uma pessoa com mais de 65 anos, independentemente do sexo ou do estado de saúde aplicável. Contudo, o número crescente de pessoas activas e saudáveis, no extremo jovem do espectro de envelhecimento, levou à necessidade de agrupamentos etários mais definitivos. Deste modo, vários autores, como Krause (1994)¹ acrescentaram à definição da OMS agrupamentos etários mais definitivos, nomeadamente o “idoso jovem” para os idosos com idades compreendidas entre os 65 e os 75 anos de idade e o “idoso velho” para os que têm mais de 75 anos de idade.

Caracterizado pelo aumento progressivo da proporção da população idosa em detrimento da população jovem, o envelhecimento da população é encarado por alguns autores como o mais grave problema social do nosso século (Alfred Sauvy, 1986, cit. Fernandes 1997:5-6). O envelhecimento demográfico, traduzido no aumento do número de pessoas cuja idade é igual ou superior a 60 anos e no alargamento da sua existência para além do período de actividade, constituiu uma tendência quase irreversível no decurso dos próximos decénios. Esta tendência, que tanto tem sido alvo de debate e reflexões, é alvo de consenso no que diz respeito às consequências negativas que o envelhecimento transporta em termos de equilíbrio ao nível económico, social e político.

A sociedade portuguesa assistiu nas últimas décadas a profundas alterações da sua estrutura demográfica, das quais o envelhecimento da população se apresenta como uma das principais características da dinâmica populacional.

Fenómeno que, até há pouco, passava despercebido à opinião pública em geral, o envelhecimento é hoje apontado, com relativa frequência, como um dos aspectos a ter em conta na definição das políticas de médio e longo prazo. No caso português, deve acrescentar-se que também para políticas de curto prazo, e, nalguns aspectos, mesmo para medidas urgentes (Costa, 2007:65-66).

Consequência da modificação da estrutura etária da população, o envelhecimento demográfico, produz sequelas directas sobre a estrutura social e económica de um país, justificando o interesse que este tema desperta em diversas áreas das ciências sociais e as suas

¹ Disponível em: <http://www.socialgest.pt/dlds/APEnvelhecimentoequalidadedevida.pdf>

diferentes perspectivas de análise. A caracterização do envelhecimento demográfico, bem como o conhecimento das suas causas e consequências assumem especial importância, não só pelas repercussões sociais e políticas que envolvem, mas também, pelas necessárias e significativas mudanças que impõe à sociedade em geral. Como Alfredo Bruto da Costa (2007:87) refere “Quer a sociedade quer o quotidiano das pessoas estão organizados de tal modo que os idosos não têm lugar nem papel na vida social”. Num cenário de população envelhecida exige-se por parte da sociedade em geral e do governo em particular, a conjugação de esforços no sentido de desenvolver e implementar políticas sociais que dêem resposta aos desafios que se colocam principalmente em áreas como a saúde e a segurança social. Deste modo, o envelhecimento demográfico vem acentuar a necessidade de redefinir políticas sociais, já que as situações de insuficiência que actualmente conhecemos serão certamente agudizadas com o aumento da população idosa. Como afirma Maria José Carrilho (1993:76) “Os idosos de hoje vivem mais tempo, mas é preciso que vivam com qualidade e sem exclusão social. É preciso integrar os idosos na sociedade e na família, garantindo-lhes os meios de subsistência e todo o apoio domiciliário”.

Considerando o envelhecimento da humanidade, no momento actual, o qual representa um problema de uma amplitude inteiramente nova na história do homem, progressos devem ser empreendidos, relativos à protecção da pessoa e dos seus direitos pessoais. O respeito pela dignidade humana exige que seja melhor garantido, a todos, e por conseguinte à pessoa mais idosa um verdadeiro direito aos cuidados, ajudas e serviços necessários.

Alterações nos quadros familiares – o novo papel do idoso

A imagem social da velhice assenta numa aparente confusão entre o envelhecimento biológico e o envelhecimento social. Tradicionalmente a velhice é, à excepção de algumas sociedades, encarada de forma negativa e, o fenómeno da marginalização constitui o principal problema com que as pessoas idosas se têm de debater. A baixa auto-estima dos idosos, a sua relativa pobreza, a forma como aceitam que lhes sejam prestados serviços de qualidade inferior no seio das instituições e as tensões com os seus descendentes, entre outros aspectos, agravam a crise tornando os problemas múltiplos. Por outro lado, o potencial da população mais idosa capaz de viver com autonomia não é suficientemente reconhecido ou utilizado, o que resulta no problema da estigmatização dos idosos e na categorização das pessoas com base na respectiva idade. “... o

estatuto social do idoso é desvalorizado: «Ninguém quer ser velho porque não oferece nenhuma vantagem». “Cabrillo e Cachafeiro, 1992:59 cit. Pimentel (2001:51). A partir do século XIX, devido à sua explosão demográfica e como forma de justificação da indiferença generalizada da classe dominante, que rompera com o passado, deixa de ser possível continuar a ignorar os idosos, condenando-os à desvalorização. Assim, pode afirmar-se que, além de um conflito geracional, o conceito de velhice passa a ser sinónimo de luta de classes.

Os mais velhos têm dificuldade em adaptar-se e os mais novos desvalorizam os saberes tradicionais que eram reproduzidos e transmitidos pelos idosos: «A experiência de vida tão pouco serve de muito às pessoas idosas, porque a ordem de valores morais, sociais e políticos, não só mudou, senão mesmo, talvez se tenha convertido na principal causa de conflitos geracionais». Cabrillo e Cachafeir, (1992:59) citado por Pimentel (2001:50)

A sociedade mudou e os seus elementos também, ocorreram novas re-estruturações nos quadros familiares e o idoso passou a ser detentor de um novo papel social totalmente diferente do papel e da posição que ocupava na sociedade do passado. O mundo moderno passou a ser definido pelo seu ritmo de mudança social desenfreado. Giddens (1994a:15), citado por Santos e Encarnação (1998:58) explica a dinâmica da vida social moderna através de “três elementos fundamentais: a separação do tempo e do espaço, a descontextualização das instituições sociais e a reflexividade institucional, emergenciadoras de novos mecanismos de auto-identidade.” A família constitui um factor básico não só na sobrevivência da pessoa idosa, como no seu equilíbrio emocional face às contingências do declínio biopsicossocial que o envelhecimento transporta consigo. A família é o espaço das trocas intergeracionais e uma fonte inesgotável de entreajuda. No entanto, numa sociedade onde a expectativa de vida está a aumentar, as relações familiares apresentam novos desafios.

O grau de compromisso da família com os velhos assumiu formas diferenciadas de cultura para cultura. As mudanças na família, ao passar esta de extensa para nuclear, vieram atenuar, ou pelo menos obscurecer, o grau de persistência dos valores tradicionais do cuidado dos anciãos nas sociedades ocidentais contemporâneas. Augusto da Silva (1993) citado por Figueiredo Santos e Fernanda Encarnação (1998:64)

Entender a dinâmica familiar dos idosos é crucial, na medida em que estes tendem, por vezes, a “mascarar” o seu posicionamento no agregado familiar. Na ideologia dominante ou concepção tradicional, compete às famílias a responsabilidade de prover o sustento dos ascendentes. Assim, defende-se que é aos filhos que cabe a responsabilidade de cuidar dos seus

pais. Contudo, existem perspectivas opostas acerca deste assunto, pois alguns autores, como Freitas (2002) citado por Luísa Pimentel (2005:47), consideram que os filhos não têm qualquer responsabilidade em cuidar dos pais apenas por serem seus filhos.

Ao longo do tempo, a estrutura familiar tem sofrido conseqüentes transformações assistindo-se a uma reconfiguração das formas familiares, sendo vários os factores que contribuíram para tal. As migrações que obrigaram as famílias nucleares a tornarem-se mais “individualistas”; a mobilidade social ligada à cidade e ao trabalho industrial que distendeu os laços entre irmãos; a educação que estabeleceu uma clivagem no seio familiar fazendo-o desintegrar-se; assim como a assimilação de novos valores, atitudes, condutas ligadas à industrialização e à idade. Estas e outras transformações fazem com que na actualidade as famílias, muitas das vezes, não consigam resolver os problemas que se colocam aos idosos. A família tradicional oferecia em quase exclusividade uma série de serviços que hoje em dia a organização familiar demonstra dificuldade em satisfazer, como as necessidades físicas (alimentação e habitação), psíquicas (auto-estima, afecto e equilíbrio) e sociais (de relação, comunicação e pertença a um grupo). Conseqüentemente, a família tem sido responsabilizada pelo abandono dos seus idosos.

Apesar de tudo, estudos recentes demonstram que os laços que unem os membros da parentela têm sido redescobertos, após um período em que tinham estado ausentes devido à industrialização. Ainda neste contexto, segundo Parsons cit. Segalen (1999) citado por Ana Alexandre Fernandes (2001:47), a industrialização provocou uma segmentação na família, isolando-a da sua rede de parentesco e reduzindo as dimensões do grupo doméstico a um lar com poucos filhos. É de salientar que esta teoria começou a ser posta em causa com o surgimento das investigações empíricas que provam que as famílias nucleares não estão isoladas.

As famílias modernas organizam-se em torno de laços de parentesco, construindo redes de relações, através das quais circulam ajudas, bens e afectos. Apesar da importância das relações entre a vida em família e a qualidade de vida dos seus elementos, verifica-se que decorre, actualmente, uma “substituição do papel familiar” pelas chamadas redes sociais de apoio, onde estão incluídas as instituições para idosos, as quais se apresentam extremamente importantes na qualidade de vida da pessoa idosa. Quando as necessidades do idoso exigem uma maior disponibilidade de recursos (quer de trabalho, de tempo ou bens materiais) surgem frequentemente conflitos. “ A preocupação de não recorrer à institucionalização é constante, quer

por parte dos idosos, quer por parte dos familiares, pois existe uma opinião depreciativa generalizada em relação às instituições” Hespana (1993) cit. Pimentel (2001:34). Mesmo assim, na maioria das vezes, apesar das críticas e estereótipos gerados pela sociedade, a institucionalização surge para a família (ou mesmo para os idosos sem família) como única alternativa viável quando todas as outras se tornam inviáveis.

Segundo a perspectiva de Pimentel (2001:54) com o prolongamento do período da velhice, coloca-se em causa o papel passivo que a sociedade tem atribuído às pessoas idosas. É necessário repensar o papel do idoso na sociedade, pois é inadmissível que os idosos encarem aproximadamente um quarto da sua vida como um vazio de perspectivas. Tendo em conta o papel da família em relação aos idosos, constata-se que esta é essencial ao seu bem-estar, principalmente a nível psicológico, uma vez que as instituições de apoio à terceira idade têm mais facilidade na promoção do bem-estar físico. Os idosos valorizam grandemente a dedicação da família nesta sua fase da vida, sentindo-se muitas vezes abandonados na ausência da mesma. Dadas as transformações na sociedade e na estrutura familiar, as famílias têm menos disponibilidade para dar apoio permanente aos seus idosos, contudo, mesmo que os institucionalizem, é de extrema importância a sua presença constante nas suas vidas.

Políticas sociais de apoio aos idosos/ Institucionalização

Foi a partir da consolidação dos estados de bem-estar, ao longo do século XX, sobretudo com a Segunda Guerra Mundial e, principalmente, na década de 60 que se começa a ter necessidade de levar a cabo políticas sociais a favor dos idosos. Mas, apenas a partir dos anos 80, começam a emergir movimentos de defesa dos direitos dos idosos e denota-se uma preocupação crescente com o bem-estar psíquico, físico e social da pessoa idosa, bem como a manutenção de uma vida social activa.

Ao tornar-se um problema social, a velhice passou a mobilizar gente, meios, esforços e atenções. A preocupação em encontrar soluções evidencia-se no aumento de estudos e de investigadores, que centram as suas atenções na pessoa idosa. A política social centrada na terceira idade nasce do sentimento de que as condições de vida deste grupo social não respondem às suas necessidades nem às suas aspirações. Contudo, na contemporaneidade reconhece-se que não se trata apenas de intervir com vista a uma melhoria a nível económico, mas também ao nível da assistência sanitária e da assistência social e, ainda, ter uma visão global da situação dos

idosos, propondo um novo modelo de intervenção integral, no qual se introduzam serviços domiciliários, clubes de idosos e até mesmo universidades sénior. Segundo A. M. Guillemard (1988), citado por Ana Alexandra Fernandes (1997:139), as políticas sociais de velhice são o “conjunto das intervenções públicas que estruturam, de forma explícita ou implícita, as relações entre a velhice e a sociedade”.

Para além da dificuldade que existe, na maioria dos casos, por parte da família e da comunidade e por parte do próprio idoso em aceitar o estado de velhice, existe por parte do Estado igualmente uma grande dificuldade em criar estruturas de apoio ao idoso e em garantir o financiamento para todos os serviços e direitos que estes têm, nomeadamente instituições de apoio social e médico, pensões ou reformas. No caso Português e, tratando-se de uma sociedade de desenvolvimento intermédio, de acordo com Hespanha (1995:211) citado por Pimentel (2001:32), observamos em matéria de protecção social “une faible intervention de l’État combinée à une vitalité remarquable des solidarités primaires et des systèmes informels de soutien”. Deste modo, é necessário reorganizar a política de cuidados, porque se genericamente a terceira idade tem hoje uma situação económica que os torna mais dependentes, a sua longevidade vai levar, inevitavelmente, à necessidade de cuidados.

O Direito à Segurança Social é consagrado em 1976, após as mudanças políticas em Portugal, assim, a anterior assistência social deu lugar à acção social que enquadra o conjunto de acções desenvolvidas através de serviços de apoio e equipamentos sociais, bem como de intervenção comunitária que integram também o antigo sistema de assistência social. O aumento da procura e as alterações no quadro da política social, reflectiram-se no alargamento da rede de instituições para idosos, uma vez que, a par das mudanças sociais ocorriam mudanças no próprio contexto social. Assim, emerge uma acção social protagonizada na sua maioria por Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e outras organizações privadas apoiadas financeiramente pelo Estado, mediante protocolos de cooperação.

Em Portugal, país substancialmente envelhecido, “a sociedade portuguesa continua a caracterizar-se pela existência de fortes laços de solidariedade familiar e comunitária”, Pimentel (2001:32) e os serviços de cuidados na velhice ainda são em número insuficiente para responder às necessidades dos indivíduos muito idosos. As actuais respostas de apoio social dirigidas para a terceira idade em situações de carência, desigualdade sócio-económica, dependência e vulnerabilidade social têm como objectivo promover a autonomia, a integração social e a saúde.

Em função das necessidades e do grau de autonomia da pessoa idosa, existem sete tipos de respostas específicas para a terceira idade², nomeadamente: serviço de apoio domiciliário, centro de convívio, centro de dia, centro de noite, acolhimento familiar para pessoas idosas, residência e lar de idosos. Há ainda a mencionar que cada resposta tem objectivos específicos e legislação aplicável, sendo que na sua generalidade as obrigações das pessoas idosas se reportam ao pagamento da percentagem do custo do serviço e do cumprimento dos regulamentos internos das instituições onde recebem o apoio.

Mas, se por um lado as respostas sociais funcionam como uma forma de auxílio e apoio para as famílias que não conseguem cuidar dos seus idosos sozinhos, por outro podem proporcionar a desresponsabilização por parte da própria família ao recorrer à institucionalização.

(...) o surgimento de agentes especializados permite uma certa desresponsabilização por parte da família que, a partir do momento em que adquire o direito de acesso a determinados serviços, se abstém de participar nas vivências de alguns dos seus membros. Segundo Pitrou (1978), o apoio por parte dos serviços públicos vem substituir os laços familiares, e a criação de equipamentos específicos para cada grupo etário vem fomentar a segregação desses mesmos grupos e reforçar o afastamento entre gerações. Verifica-se assim uma maior intervenção das instituições públicas numa área que anteriormente era, no essencial, da responsabilidade da família. Pimentel (2001:38)

A satisfação das necessidades humanas, a resolução de problemas sociais e o bem-estar da população em geral, constituem o fundamento e parecem justificar a existência das chamadas políticas sociais activas. Algumas destas medidas e políticas sociais correspondem a estratégias e propostas inovadoras, além de complementares e integradas, com um denominador comum que passa por um maior envolvimento, mobilização activa e co-responsável das comunidades locais, no sentido de procurarem reunir esforços para a idealização e implementação de acções e projectos relacionados com o desenvolvimento social.

2. Dimensão e evolução do problema

O fenómeno do envelhecimento demográfico assenta na teoria da passagem de um modelo demográfico em que a mortalidade e fecundidade assumiam valores elevados para um modelo em que ambos assumem níveis baixos. É usual definir-se o envelhecimento demográfico a partir do

² <http://www2.seg-social.pt/left.asp?03.06.03.01>

momento em que a proporção de população idosa na população total aumenta – esta situação pode dever-se quer ao resultado da perda de importância relativa da população jovem ou da população em idade activa, ou de ambas.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)³, nas últimas décadas houve um aumento da população idosa em todo o mundo, representando cerca de 20% da população nos países desenvolvidos, perspectivando-se uma tendência futura onde os valores poderão chegar aos 25%. O envelhecimento nas sociedades europeias constituiu um facto preocupante para toda a Europa, uma vez que as suas taxas de natalidade têm diminuído na maioria dos países contrariamente à esperança de vida que tem aumentando consideravelmente, sendo já apelidada de “Europa idosa”.

Portugal é caracterizado por um claro declínio da fecundidade e baixas taxas de natalidade, apresentando valores dos níveis de fecundidade próximos de 1 criança por mulher. As principais causas apontadas residem na baixa natalidade, que tem aumentado nos últimos anos e já não assegura a renovação das gerações e no aumento da longevidade, uma vez que actualmente o número de idosos ultrapassa o número de crianças, tornando necessária a adopção de medidas que visem a implementação de políticas sociais com vista à promoção da substituição e sustentabilidade das gerações e ao bem-estar da população idosa.

No contexto português a proporção de pessoas com 65 ou mais anos duplicou nos últimos 45 anos, passando de 8% no total da população em 1960 para 17% em 2005. De acordo com projecções demográficas apontadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE)⁴, projecções da população residente em Portugal, a população residente tenderá a registar uma diminuição a par de um aumento significativo do grupo etário dos 65 e mais anos que, segundo se prevê, irá quase duplicar entre 2003 e 2050. Esta evolução salienta-se ainda mais tendo em conta a população muito idosa, ou seja, os indivíduos com 85 ou mais anos, que registam valores de aumento de mais de 3% ao ano. Deste modo fica bem perceptível o acréscimo da longevidade da população, isto é, o envelhecimento da própria população idosa. No período de projecção 2005/2050, o INE prevê que apenas a população idosa continuará a aumentar cerca de 1,1% ao ano considerando os de 65 ou mais anos e 2,2% de 85 e mais anos.

³ <http://www.un.org>

⁴ www.ine.pt

O crescente aumento demográfico da população sénior, passou a ser nas últimas décadas factor de interesse e preocupação nos países europeus. Portugal não é excepção sendo, inclusivamente, dos países com maior índice de envelhecimento. As transformações demográficas, sociais e familiares que vêm existindo na sociedade portuguesa determinam novas necessidades para este grupo da população. Prevê-se que, até 2050, o número de pessoas com mais de 65 anos na EU cresça 70% e o número de pessoas com mais de 80 anos aumente 170%. Um dos principais desafios do nosso século será, pois, satisfazer a maior procura de cuidados de saúde, adaptar os sistemas de saúde à nova realidade e manter viáveis estes sistemas numa sociedade com menos população activa.

Acções internacionais e o quadro jurídico português

Com o objectivo simbólico de melhorar as condições de vida dos idosos, colocando a tónica na necessidade de evitar a sua hospitalização, assegurando serviços e agentes especializados emerge na Europa, nos anos 60 do nosso século, a formulação jurídica da "política social da velhice". Uma vez que os idosos são um grupo com bastantes especificidades há que garantir condições mínimas de sobrevivência e segurança, na medida em que, dadas as suas vulnerabilidades, este grupo requer que se garanta *a priori* um conjunto de direitos, defendidos pelas várias entidades sociais. Há que referir que não existe uma carta dos direitos dos idosos, mas sim um conjunto de indicações que têm em conta as singularidades deste grupo.

Na Declaração Universal dos Direitos do Homem⁵, a Organização das Nações Unidas considera que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. Esta declaração consigna direitos subjacentes à vida humana visando a igualdade entre todos, independentemente da sua faixa etária. Deste modo e, no contexto da terceira idade este documento constituiu um importante elemento que deverá ser considerado no trabalho dos profissionais de Serviço Social junto das pessoas idosas.

Em 1991, a Assembleia das Nações Unidas⁶ aprovou a resolução n.º 46/91, aplicada a todos os seus Estados Membros, onde se estabelece uma série de princípios que procuram

⁵ <http://www.digesto.gov.pt/comum/html/legis/dudh.html>

⁶ http://www.gaf.pt/servicos/nucleodeatendimento/informacoes/maisinformacoes_apoio/pdf/principios_das_nacoes_unidas_para_o_idoso.pdf

promover o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos, bem como o acesso às necessidades básicas e a sua participação na sociedade através dos princípios de independência, participação, assistência, auto-realização e dignidade.

Os princípios estabelecidos nesta resolução comportam não só os direitos de acesso às necessidades básicas, como à alimentação, à água, à habitação, ao vestuário, à saúde, a apoio familiar e comunitário, dando ao indivíduo o direito de poder viver em ambientes seguros adaptáveis à sua preferência pessoal, como consolida igualmente os direitos à participação, dando ênfase à ideia que os idosos têm direito a permanecer integrados na sociedade e a participar activamente na formulação e implementação de políticas que afectem directamente o seu bem-estar, assim como a transmitir aos mais jovens conhecimentos e habilidades. Em relação à assistência, questão também consubstanciada na resolução n.º46/91, pressupõe-se o acesso do idoso a beneficiar da assistência e protecção da família e das comunidades, ter acesso à assistência média e a serviços sociais e jurídicos que lhe assegurem melhores níveis de autonomia, protecção e assistência e ainda desfrutar dos direitos fundamentais, quando reside em instituições que lhe proporcionem os cuidados necessários, respeitando-o na sua dignidade, crença e intimidade. A questão da assistência comporta ainda o direito de tomar decisões quanto à assistência prestada pela instituição e à qualidade da sua vida.

Em termos de auto-realização os princípios da Nações Unidas para o Idoso revelam que se deverá aproveitar as oportunidades para o total desenvolvimento das potencialidades do idoso, assim como permitir o acesso aos recursos educacionais, culturais, espirituais e de lazer da sociedade. Tendo em conta a questão da dignidade, a presente resolução refere ainda que os idosos têm o direito a poder viver com dignidade e segurança, sem ser objecto de exploração e maus-tratos físicos e/ou mentais.

Relativamente ao quadro jurídico português, em 1976, ocorridas as mudanças políticas em Portugal, a Constituição passa a consagrar o Direito à Segurança Social, direito esse que se mantém após a revisão constitucional de 1992. Deste modo, há a salientar os artigos constantes na Constituição da República Portuguesa⁷, que dizem respeito à pessoa humana de uma forma geral e podem ser aplicados independentemente da faixa etária. Estes artigos visam a consagração dos direitos e deveres dos indivíduos, nomeando liberdades e garantias fundamentais, como é o caso do direito à vida, à integridade e identidade pessoal, à cidadania, dignidade humana,

⁷ <http://dre.pt/comum/html/legis/crp.html>

liberdade e segurança. Os princípios de igualdade e dignidade social surgem consignados na CRP assim como outros direitos com uma série de características que promovem o bem-estar dos indivíduos e por conseguinte também o bem-estar das pessoas idosas, essencial na fase de vida em que se encontram. O artigo 72.º da CRP constitui um dos artigos mais relevantes tendo em conta as pessoas idosas, uma vez que diz respeito única e exclusivamente à terceira idade, enunciando que as pessoas idosas têm direito à segurança económica, a condições de habitação, ao convívio familiar e comunitário. Consubstancia igualmente que os idosos têm direito ao respeito da sua autonomia pessoal e de evitar e superar o isolamento ou mesmo a marginalização social. Este mesmo artigo refere ainda que a política de terceira idade engloba medidas de carácter económico, social e cultural propensas a proporcionar às pessoas idosas oportunidades de realização pessoal, através de uma participação activa na vida da comunidade.

A Lei de Bases da Segurança Social⁸, Lei nº 32/2002, de 20 de Dezembro, definiu e aprovou as bases gerais do sistema de segurança social, operando uma reforma estruturante, global e profunda no sistema da segurança social, com o objectivo de salvaguardar a sua sustentabilidade financeira e acima de tudo a justiça, a adequação e a eficácia da protecção social. Deste modo, é possível enquadrá-la relativamente aos direitos das pessoas idosas, uma vez que a presente legislação assume diversos princípios gerais, que deverão ser tidos em consideração ao analisar o enquadramento jurídico na temática da terceira idade como, por exemplo, os princípios da universalidade, igualdade, solidariedade, equidade social, inserção social e o princípio da coesão geracional.

Esta lei refere que todas as pessoas têm direito à protecção social e que esta deverá ser assegurada pelo sistema. Mencionado ainda o princípio de igualdade salientando que esta consiste na não discriminação dos beneficiários por razões de sexo ou de nacionalidade. Relativamente à questão da inserção social, a presente lei menciona que este princípio se caracteriza pela natureza activa, preventiva e personalizada das acções desenvolvidas no âmbito do sistema, de forma a eliminar as causas de marginalização e exclusão social e a promover a dignificação humana.

⁸ http://www2.seg-social.pt/preview_documentos.asp?r=6582&m=PDF

3. Perspectivas teóricas sobre o envelhecimento/autonomia nos idosos

Perspectivas teóricas associadas à promoção da autonomia nos idosos

Se se continuar a alimentar a ideia de que os idosos são inúteis e improdutivos, representando uma sobrecarga para os mais jovens, estar-se-á decerto a contribuir para o agravamento das incompatibilidades entre gerações. Parece-nos, no entanto, que o problema radica essencialmente numa abordagem discutível da velhice, que se caracteriza por uma desvalorização das suas capacidades e da sua posição social (...). Pimentel (2001:47)

Para uma melhor compreensão do papel do Serviço Social relativamente à questão da promoção da autonomia nas pessoas idosas, é necessário salientar algumas teorias que poderão, de um certo modo, apoiar essa questão. Segundo Castellón (1998-2003), citado por Fonseca (2004)⁹, a autonomia, a actividade, os recursos económicos, a saúde, a habitação, a intimidade, a segurança, a pertença a uma comunidade e as relações pessoais constituem os indicadores de qualidade de vida associados ao envelhecimento.

Contextualizando com a problemática da terceira idade, Thurz e tal. (1995), citado por Malcolm Payne (1997:373) afirma que “a capacitação pode ser particularmente apropriada tanto para adultos como para pessoas idosas” uma vez que o apoio mútuo na vida adulta permite às pessoas partilharem experiências de estigmatização possibilitando a redução do isolamento. A visão do uso da capacitação está mais relacionada com a motivação de indivíduos e de equipas para, através da atribuição de independência relativamente à gestão do controlo conseguir, dentro dos objectivos organizacionais, ir mais longe.

A teoria da capacitação procura ajudar os clientes a conquistar poder de decisão e de acção sobre as suas próprias vidas através da redução do efeito de bloqueios sociais ou pessoais ao exercício do poder existente, aumentando assim a capacidade e auto-confiança para utilizar o poder e transferir o poder do ambiente para os clientes. Segundo Rees (1991), citado por Payne (1997:368) “o objectivo básico da capacitação é a justiça social, dando às pessoas, através de apoio mútuo e de aprendizagem partilhada (...) uma maior segurança e igualdade política e social”. Baseado nos critérios de Malcolm Payne (1997:365), a capacitação pretende auxiliar os clientes a conquistar poder de decisão e de acção sobre as suas próprias vidas. Kieffer (1984), citado por Payne (1997:368) afirma que a capacitação é detentora de elementos que permitem

⁹ <http://www.socialgest.pt/dlds/APEnvelhecimentoequalidadedevida.pdf>

melhorar o conhecimento de si mesmos e a auto-confiança, do mesmo modo que permite amplificar os recursos culturais e colectivos de relevância para a acção social.

A Teoria da Resiliência, sustentada por Rutter (1987) em Ribeiro e Sani (2009:405) que a considera não como algo inato, mas como um processo entre o indivíduo e o seu meio, permite a emergência de uma resposta ao risco, pois é o resultado da combinação das características individuais, culturais e sociais. Esta teoria é igualmente apoiada por VanBreda (2001:1) que considera que a resiliência permite alcançar a força, da qual os indivíduos têm carência, para se tornarem capazes de fazer frente a uma determinada adversidade. Junqueira e Deslandes (2003) citados por Ribeiro e Sani (2009:405) defendem que a resiliência é uma forma de superar a situação não pela sua eliminação mas pela forma de a encarar. Tal vai ao encontro da concepção de Walsh (2006:4-5) que considera que a resiliência é a capacidade de reagir a situações adversas, onde está presente a resistência e o crescimento face à crise, e não a sua mera sobrevivência.

O empowerment parte da ideia de dar às pessoas o poder, a liberdade e a informação que lhes permitem tomar decisões e participar activamente da organização, assentando em quatro bases principais: o poder, a motivação, o desenvolvimento e a liderança. Dar poder às pessoas, delegando autoridade e responsabilidade em todos os níveis de organização (o que significa dar importância e confiar nas pessoas, dar-lhes liberdade e autonomia de acção); proporcionar motivação às pessoas para incentivá-las continuamente (reconhecer o bom desempenho, recompensar os resultados, permitir que as pessoas participem dos resultados do seu trabalho e festejem o alcance de metas); dar recursos às pessoas em termos de capacitação e desenvolvimento pessoal e profissional (proporcionar informações e conhecimentos, criar e desenvolver talentos); proporcionar liderança na organização, o que significa orientar as pessoas, definir objectivos e metas, abrir novos horizontes, avaliar o desempenho e proporcionar retroacção. A conquista do empowerment não corresponde a um objectivo nem a uma metodologia, mas sim à forma como o serviço social é desenvolvido, na forma como o profissional se relaciona com o cliente – relações de poder com o outro.

Tendo em conta o Serviço Social, o empowerment, define-se como um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder (psicológico, sócio-cultural, político e económico) que permite a estes sujeitos aumentar a

eficácia do exercício da sua cidadania. O Empowerment Sénior corresponde ao processo de devolução de poderes às pessoas idosas, criando os alicerces da auto-estima e auto-determinação essenciais para uma participação activa na sociedade.

A Teoria Centrada na Pessoa afirma que a forma como nos comportamos e a forma como queríamos a comportar-nos nem sempre coincidem. Assim, o seu objectivo é mostrar que os indivíduos devem confiar neles próprios e devem ser responsáveis para as suas acções. Para que as pessoas realizem o seu potencial, devem aprender a auto definir-se em vez de serem definidas por outras pessoas. O aconselhamento baseado neste tipo de princípios ajuda as pessoas a libertarem-se e a perceberem o seu potencial completo. O simples processo de explorar e reflectir sobre a experiência, leva ao encontro do significado e da razão de quem somos.

Se forem ajudados a conquistar a sua liberdade, os indivíduos motivam-se para assumir controlo sobre as suas vidas, encontram direcção e forças. Com a liberdade e a responsabilidade recuperada os clientes compreendem o seu potencial. E isto tudo é possível só através da relação certa estabelecida entre o profissional e o cliente, baseada na compreensão, empatia e genuinidade. O planeamento centrado na pessoa é a forma de aplicação da teoria a prática. Inicialmente desenvolvido para a aplicação entre pessoas com reduzida autonomia física, passou a ser actualmente utilizado nas todas as intervenções com pessoas idosas. O planeamento centrado na pessoa requer o esforço consciente de por o indivíduo no centro do processo de avaliação e planeamento da intervenção futura.

Em relação ao trabalho com idosos, as principais preocupações deverão ser: colocar o indivíduo no centro do processo em todas as fases, começar a preocupar-se com a situação individual concreta do cliente e dos recursos individuais disponíveis, reconhecer as necessidades gerais comuns de todos os indivíduos deste grupo, disponibilizar maior informação possível sobre o processo, as possibilidades e oportunidades disponíveis, assegurar a participação e expressão de opinião por parte do cliente nas questões pertinentes da sua situação, esclarecer qualquer requerimento cultural específico e levar tempo para explorar necessidades e ambições individuais.

A teoria das forças (ou dos pontos fortes), insiste que as pessoas com as quais os profissionais de serviço social trabalham vão além dos “rótulos” que a própria sociedade lhes atribui. Deste modo, esta perspectiva pressupõe que os indivíduos sejam vistos para além desses rótulos atribuídos e que seja reconhecido a cada um o seu potencial e as suas forças.

Cabe ao assistente social, em parceria com o cliente, reconhecer, afirmar e libertar o potencial do indivíduo, bem como as suas forças. Esta teoria realça a importância da qualidade do suporte social das pessoas e das suas relações, num contexto de uma relação de apoio. A reciprocidade e a empatia são aspectos a considerar num processo onde a “partilha com” deverá ter mais relevância do que apenas o “tirar de”. Da correcta promoção desta prática poderá resultar, entre outras, a adopção de uma atitude positiva por parte do cliente e um trabalho para um processo de longo termo de empowerment, salientando que tudo isto deverá ser elaborado com a colaboração do próprio cliente.

Envelhecimento e intervenção social

Desde o seu início, o trabalho social focou a sua acção na resposta às necessidades das pessoas e no desenvolvimento das capacidades do ser humano. Profundamente relacionado com o comportamento humano nos diversos contextos sociais, o serviço social e a actuação do assistente social incide sobre os vários comportamentos e contextos. Deste modo, pode afirmar-se que no serviço social não há uma única teoria, mas sim várias, devido aos seus contextos.

A missão do serviço social tem como principal objectivo ajudar as pessoas a desenvolverem todas as suas potencialidades, a enriquecerem as suas vidas e prevenir as disfunções. Deste modo, os profissionais de serviço social são agentes de mudança na sociedade e também na vida dos indivíduos, família e comunidades a quem o seu trabalho se dirige.

A matriz do Serviço Social ergue-se em prol do bem-estar humano e da sua realização pessoal, satisfazendo as suas necessidades e promovendo a justiça social (ONU, 1999:21), em consonância com Direitos Humanos, inerentes a todos os indivíduos e os quais, com o Serviço Social, através da sua prática, pretende proteger, garantir e promover. “Os Direitos Humanos são inseparáveis da teoria, valores, deontologia e prática do Serviço Social” (ONU, 1999:23).

O trabalho dos profissionais de serviço social junto das pessoas idosas não deverá ser visto unicamente como uma simples resposta às crises existentes, mas também como uma forma de ajudar a estabelecer sistemas de apoio capazes de minorar potenciais crises.

Para além disso, os assistentes sociais devem tentar reforçar a auto-estima das pessoas idosas e os conhecimentos de que estas dispõem relativamente aos seus próprios direitos. É fundamental que se recusem a utilizar métodos de prestação de serviços que violem os direitos destas pessoas. Deverão estimular e apoiar activamente a constituição de grupos de auto-ajuda, cooperando com

eles na promoção do progresso e afirmação pessoal dos mais idosos. Direitos Humanos e Serviço Social (1999:85)

É pertinente que os profissionais de serviço social deixem de olhar os idosos como meros clientes e, que pelo contrário, os passem a ver como parceiros e colaboradores do seu trabalho. Deste modo, o assistente social deve apoiar e estimular activamente a constituição de grupos de auto-ajuda, cooperando com eles na promoção do progresso e afirmação pessoal dos mais idosos. Isto é, os devem tentar reforçar a auto-estima das pessoas idosas e os conhecimentos de que estas dispõem relativamente aos seus próprios direitos e capacidades.

CAPÍTULO II – Metodologia de Pesquisa

1. Problema em análise

O problema em análise prende-se particularmente com a intervenção com vista à promoção da autonomia nas pessoas idosas institucionalizadas. Como nos remete o quadro teórico, o crescente envelhecimento da população, o preconceito gerado acerca da velhice e da pessoa idosa, da sua incapacidade, improdutividade e grande dependência torna pertinente a intervenção do Serviço Social não só na promoção de autonomia como na própria concepção do idoso. Assim, considera-se de extrema importância para este estudo analisar os moldes em que se processa a intervenção social particularmente na Aldeia de S. José de Alcalar.

A Aldeia de S. José de Alcalar (ASJA), mais conhecida como Aldeia-lar, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) pertencente ao Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande, que comporta igualmente outras respostas sociais como o Lar de Idosos da Mexilhoeira Grande, a Creche, o Jardim de Infância, o ATL, o Serviço de Apoio Domiciliário e o Centro de Dia, localizada em Alcalar, na Freguesia da Mexilhoeira Grande, Concelho de Portimão, no Algarve.

Fruto do sonho de um Padre (Padre Domingos Monteiro da Costa) a Aldeia, projecto a quem muitos denominaram de utópico, nasceu da sua experiência pessoal. As aldeias S.O.S. e as aldeias do Gaiato do Padre Américo, de que já tinha ouvido falar (mas não conhecia pessoalmente) e a sua experiência quotidiana no Lar da Mexilhoeira Grande, modelo de lar tradicional, possibilitou-lhe constatar que o tipo de resposta tradicional lar privava os idosos de uma certa liberdade. Esta consideração nasceu da reflexão de que os idosos num lar tradicional se encontram, na maioria das vezes, confinados a estruturas inseridas em prédios, com diversos andares, limitados às salas e quartos - que têm obrigatoriamente de partilhar com outros idosos, frequentemente despojados de zonas verdes ou espaços de lazer. Mas, muito mais relevante que as próprias infra-estruturas das instituições, o Padre Domingos da Costa verificou que haviam familiares que ao ingressarem em lares tradicionais eram “obrigados a separar-se, como por exemplo, irmãos (irmão-irmã), Pai-filha, Mãe-filho, pais-filhos deficientes, que não encontravam nem encontram, de um modo geral, solução nos Lares tradicionais (...) Foi isso que me levou ao sonho de uma aldeia para pessoas idosas”, Costa (2000:11).

Construída ao longo de 11 anos, com o objectivo acolher pessoas que se tornaram dependentes e dar-lhes uma casa onde passam a viver e a entusiasmar-se com o que ainda são

capazes de fazer, a Aldeia de S. José de Alcalar foi pensada de modo a que os seus residentes se sintam em casa, numa aldeia semelhante às aldeias onde viveram, com relações de vizinhança, com amigos e com a possibilidade de manter famílias unidas.

Disposta numa área de cerca de 5 hectares, a ASJA, comporta nas suas infra-estruturas 52 moradias com tipologias de T1 (26 moradias), T2 (18 moradias) e T3 (8 moradias), dispostas em dois núcleos habitacionais com 26 moradias cada, um núcleo central (de serviços comuns de apoio à Aldeia com gabinete médico e de enfermagem, refeitório, lavandaria, salão de cabeleireiro, barbearia, biblioteca e sala de actividades, capela, recepção e escritórios), centro de convívio e núcleo de apoio a visitantes (Centro Juvenil).

A ASJA tem capacidade para acolher 135 residentes, no entanto, o acordo estabelecido com a Segurança Social permite receber apenas 105 habitantes, há a salientar que se encontram actualmente na Aldeia 115 residentes uma vez que estão a decorrer obras no Lar da Mexilhoeira Grande, também pertencente ao Centro Paroquial, e 10 idosos foram alojados na Aldeia provisoriamente, importa ainda referir que o estudo em causa se irá apenas focar nos residentes permanentes, portanto, 105 habitantes.

Embora reconhecido pela Segurança Social como Resposta Social Lar de Idosos, a Aldeia de S. José de Alcalar é diferente de todos os outros modelos de lares tradicionais quer na sua organização, quer nas suas próprias estruturas.

2. Campo empírico

Para investigar o problema em análise torna-se imprescindível delimitar o campo empírico, passando por definir o meio onde o estudo é realizado, mediante os objectivos propostos. Deste modo, a escolha recaiu para uma instituição que acolha idosos e que promova a sua autonomia que, como supramencionado se refere à Aldeia de S. José de Alcalar, situada em Alcalar, Freguesia da Mexilhoeira Grande e Concelho de Portimão, na região do Algarve.

A escolha desta instituição prendeu-se, sobretudo, pela inovação do conceito tornando-a na primeira Aldeia-lar construída em Portugal – há que referir que já existe outra estrutura deste tipo, com moldes semelhantes, trata-se da Aldeia de São Martinho das Amoreiras, localizada no Concelho de Odemira (Beja), mas a preferência pela ASJA foi pautada pela sua boa organização e gestão, pelo seu prestígio e por ter sido a pioneira.

3. Opções metodológicas

Para realizar uma investigação empírica é necessário tomar opções metodológicas enquadradas ao problema em estudo. Importa referir que determinados métodos são mais produtivos e adequados a determinados estudos assim, pode afirmar-se que a escolha adequada do método condiciona a qualidade dos dados. É a partir dos objectivos que se propõem para a investigação que se torna possível determinar o método de pesquisa, a lógica, a abordagem e o tipo de estudo.

O método utilizado foi o método do estudo de caso, enquadrando-se numa abordagem qualitativa e numa perspectiva organizacional, inteiramente voltado para a instituição social em causa e para a resposta social que esta desenvolve. Nos estudos de caso dá-se especial ênfase à compreensão aprofundada e exaustiva do seu objecto de estudo (Vilelas, 2009: 140). Nesta investigação o método contempla apenas um objecto de investigação, a resposta social “Aldeia-lar”. Importa ainda referir que este método se dedica a descrições dotadas de complexidade e narrativas sobre o problema a investigar, pretendendo a sua compreensão e centrando-se em questões relacionadas ao “como” e ao “porquê” que permitem a análise da evolução do fenómeno (Vilelas, 2009:145).

Os estudos de caso detêm a particularidade de “serem estudos aprofundados e exaustivos de um ou muito poucos objectos de investigação, o que permite obter um vasto e pormenorizado conhecimento dos mesmos, quase impossível de obter mediante os outros estudos alternativos (Vilelas, 2009:145).

A pertinência deste estudo remete-se para o facto de permitir a compreensão e descrição aprofundada dos procedimentos adoptados na intervenção num novo modelo de resposta social com base na promoção da autonomia nas pessoas idosas. A análise de determinadas questões torna-se pertinente na compreensão global do problema em estudo, permitindo o surgimento de novas respostas e testar teorias (Vilelas, 2009:145).

O presente estudo de caso comporta uma abordagem qualitativa. “A investigação qualitativa é uma forma de estudo da sociedade que se centra no modo como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas vivem” (Vilelas, 2009:105). Os estudos qualitativos têm como objectivo compreender a realidade social das pessoas, dos grupos e culturas. Deste modo, remete-nos para as experiências e para a realidade dos assistentes sociais na sua intervenção na promoção de autonomia nas pessoas idosas institucionalizadas. As flexíveis regras metodológicas da abordagem qualitativa permitem, como

opção, a observação das pessoas e das suas interações, a realização de entrevistas, a análise de documentos já existentes e a condução de estudos de caso. Importa ainda mencionar que as pesquisas qualitativas investigam o significado e a intencionalidade dos actos, das relações sociais e das estruturas sociais” (Vilelas, 2009:107) tudo isto, acarreta uma relevante importância para o estudo em causa.

Ao pretender-se uma análise aprofundada da intervenção com vista à autonomia surge com pertinência a estratégia de intervenção ou lógica intensiva, onde a sua atenção é centrada nos pormenores onde é atribuída considerada importância ao detalhe, o que proporciona ganhos em termos de intensidade. A lógica intensiva permite a obtenção de dados envolvidos no detalhe e no aprofundamento das práticas profissionais, propiciando o enriquecimento deste estudo.

A presente investigação consiste num estudo tipo exploratório, tendo como “principal finalidade a formação de conceitos e ideias, capazes de tornar os problemas mais precisos e de formular hipóteses para estudos posteriores” (Vilelas, 2009:119). Importa referir que este tipo de estudo é utilizado para conhecer variáveis desconhecidas, necessárias a uma investigação mais específica e aprofundada, tendo como objectivo “obter um maior conhecimento de um fenómeno como preâmbulo a investigações posteriores e descobrir relações entre as variáveis” (Vilelas, 2009:120). Assim, o presente estudo visa explorar os procedimentos dos assistentes sociais, através da análise da sua prática profissional, no contexto da promoção da autonomia nos idosos institucionalizados.

4. Universo e amostra

Para a realização do presente estudo definiu-se como universo a Aldeia de S. José de Alcalar. No que concerne à amostra, que foi recolhida na própria Aldeia, abarcou o mentor/ gestor do projecto, a coordenadora da Aldeia/educadora social e por 10 (dez) idosos residentes na Aldeia – na sua totalidade a amostra foi composta por 12 intervenientes. Considerou-se importante incluir a coordenadora da Aldeia, de forma a inserir no estudo dados pautados pela sua experiência profissional, contribuindo para o enriquecimento da investigação. Na Aldeia de S. José de Alcalar não há nenhum assistente social mas, apesar da formação académica da coordenadora da Aldeia ser em Educação Social, considerou-se a sua perspectiva pertinente uma vez que desempenha funções de trabalhadora social na instituição.

Relativamente à caracterização dos idosos residentes na Aldeia têm idades compreendidas entre os 45 anos e os 99 anos, numa média de 82,27 anos. A ASJA comporta actualmente 105 idosos (residentes permanentes), acolhendo num total 13 casais. Há a salientar que a Aldeia não recebe apenas pessoas idosas como também famílias idosas com filhos portadores de deficiências físicas e/ou mentais (um casal com filho portador de deficiência mental; um pai com um filho paraplégico; uma mãe com um filho portador de deficiência mental; duas mães ambas com uma filha portadora de deficiência mental), a Instituição acolhe ainda dois homens, portadores de deficiência mental que foram para a Aldeia com os respectivos pais mas como ambos já faleceram e não tendo qualquer apoio familiar permaneceram na Aldeia.

Ainda em relação à amostra deste estudo, importa ainda referir que se trata de uma amostra não-probabilística por conveniência, obtida sem nenhum plano preconcebido, resultando as unidades escolhidas do produto das circunstâncias fortuitas (Vilelas, 2009:247).

5. Técnicas de recolha e tratamento dos dados

Para se proceder à recolha de informação foi necessário o recurso a instrumentos específicos e adequados, constituindo-se como recursos que permitem a extracção dos dados (Vilelas, 2009:265). “É mediante uma adequada construção dos instrumentos de recolha de dados, que a investigação alcança então a necessária correspondência entre a teoria e os factos” (Vilelas, 2009:265). A escolha dos instrumentos de recolha de informação deverá ter em conta as características da investigação em curso, assim, tornou-se pertinente a utilização da técnica de observação e da entrevista.

A técnica de observação pode ser definida como “o uso sistemático dos nossos sentidos na procura dos dados necessários para resolver um problema de investigação” (Vilelas, 2009:268). A utilização da técnica da observação, nomeadamente da observação estruturada, onde o investigador é conhecedor do contexto a observar, permite ao investigador ter conhecimento prévio do que é importante observar para a investigação em curso (Vilelas, 2009:271). Uma das vantagens desta técnica é a reduzida influência do observador sobre o que observa. A existência de um plano de observação, constitui uma mais-valia ao permitir o registo de certos comportamentos ou acontecimentos que eram esperados *a priori*. O plano de investigação contemplou dois locais de pertinência no campo empírico, nomeadamente, o núcleo central (de serviços) da Aldeia e os átrios e jardins dos dois núcleos habitacionais. O primeiro

local permitiu a observação dos procedimentos da coordenadora da Aldeia e da sua intervenção junto dos idosos, no segundo local foi possível observar a dinâmica da Aldeia e o quotidiano dos idosos institucionalizados.

A entrevista, outra técnica utilizada no estudo, constituiu-se numa forma específica de interacção social que tem como objectivo a recolha de dados para uma investigação (Vilelas, 2009:279).

A vantagem essencial da entrevista reside no facto de serem os próprios actores sociais quem proporciona os dados relativos às suas condutas, opiniões, desejos, atitudes e expectativas, os quais pela sua natureza é quase impossível observar de fora (Vilelas, 2009:279).

Relativamente ao estudo em questão, optou-se por entrevistas em profundidade com a finalidade de obter informação baseada no pormenor, com uma aplicação do tipo semidirectivo com o intuito de conceder alguma liberdade ao entrevistado para que este possa expressar informações que considera pertinentes, ainda que com orientação, conhecimento do tema e dos pontos a serem abordados (Ghiglione e Matalon, 2005:84). A existência de um guião de entrevista possibilitou um desenvolvimento mais seguro para o investigador surgindo como suporte (Beaud e Weber, 2007:135-136), apesar do seguimento do guião não ter sido rígido nem obrigatório, uma vez que determinadas respostas requerem um maior aprofundamento e propiciam, por vezes, o surgimento de novas questões não consideradas anteriormente.

CAPÍTULO III – A Aldeia-lar, a intervenção e a promoção da autonomia nas pessoas idosas institucionalizadas

As entrevistas realizadas ao gestor, à coordenadora e aos idosos da Aldeia de S. José de Alcalar revelaram importantes informações sobre a Aldeia, os seus residentes e o modo de intervenção que assume especial importância para alcançar os objectivos e responder às questões de investigação deste estudo. De forma a facilitar a análise os dados foram decompostos em dois pontos de pertinência.

1. A institucionalização na Aldeia-lar

Caracterização da resposta social

O projecto da Aldeia foi fruto daquilo que o Padre Domingos Monteiro da Costa, mentor e gestor do projecto, observava no seu dia-a-dia no trabalho que desenvolvia num lar tradicional (Lar da Mexilhoeira Grande) que havia sido adaptado com o intuito de evitar que os idosos da freguesia se suicidassem – por ano registavam-se cerca de 3 a 4 suicídios na freguesia. Da sua experiência apercebeu-se que muitas famílias idosas ao ingressarem em lares tradicionais acabavam por ter de se separar. Como o próprio mentor do projecto refere “(...) para que a família tivesse uma certa autonomia e intimidade era necessário também que o espaço ajudasse e não fosse um quarto (...) e isso levou-me a pensar na construção de uma aldeia para pessoas idosas (...) as únicas Aldeias que eu conhecia de ouvir falar eram as aldeias do Padre Américo «A Obra do Gaiato» e as «Aldeias SOS» (...) o projecto saiu da minha cabeça, da vivência” (E12).

Em relação à caracterização propriamente dita da instituição a maioria dos idosos entrevistados afirmam que é um lar diferente (E1, E2, E3,E5, E6,E8), a própria coordenadora da Aldeia refere que é “uma resposta social muito diferente das outras (...) é considerada pela Segurança Social como lar de idosos mas é uma Aldeia-lar, isto não é um lar tradicional (...) os lares tradicionais são completamente diferentes deste (...)” (E11). Já o mentor do projecto afirma “é uma Aldeia. Uma Aldeia, vê-se pelas casas, as pessoas vivem junto umas das outras, as portas estão abertas, as pessoas comunicam umas com as outras, a vizinhança (...) aquilo que era típico das nossas aldeias de antigamente e em que as pessoas numa aldeia se conheciam todas (...) se

vigiavam, se defendiam, protegiam, ajudavam e é este o espírito (...) podem sentir-se válidas” (E12).

Através da observação foi possível verificar que em termos de estruturas no terreno a Aldeia tem uma disposição onde comporta dois núcleos de residência com 26 moradias cada, num total de 52 habitações, dispostas em forma circular e um núcleo central de serviços. Ainda no espaço relativo à Aldeia está integrado o infantário, o ATL, a creche, o apoio domiciliário e provisoriamente o jardim infantil (E11), tudo pertencente ao Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande.

Na sua estrutura organizacional há uma direcção, onde o Padre Domingos da Costa é o presidente da direcção, existem ainda quatro elementos nos cargos de secretários e tesoureiros, uma coordenadora da Aldeia, uma recepcionista/empregada de escritório e um responsável por cada serviço (cozinha e moradias). Do quadro de recursos humanos fazem igualmente parte um médico, uma enfermeira e uma animadora (com o 12º ano).

Segundo o acordo que foi estabelecido com a Segurança Social a resposta tem capacidade para 105 residentes – embora a sua real capacidade seja de 135. Actualmente encontram-se 115 residentes na Aldeia sendo que 10 idosos estão temporariamente em S. José de Alcalar uma vez que o Lar da Mexilhoeira Grande, lar ao qual pertencem, está a sofrer obras de remodelação (E11 e E12).

Em termos de constrangimentos do projecto o mentor do projecto refere que são sobretudo referentes à dificuldade de gerir a instituição e à falta de ética (E11), já a coordenadora refere que os principais constrangimentos se prendem com questões relacionadas com a Segurança Social, com o licenciamento da instituição e com burocracias “ (...) acaba-se por perder muito tempo a preencher papéis e a não conseguirmos dar tanta atenção aos idosos” (E12). Relativamente às potencialidades do projecto a coordenadora refere “(...) é um sitio completamente diferente, uma pessoa acaba por ter também um bocado de orgulho de trabalhar num sitio diferente dos outros e em que se vê que os idosos estão satisfeitos e são felizes” (E12). O mentor da Aldeia refere que as potencialidades estão à vista e que “(...) estabelece relação com a sociedade, motiva as pessoas para a generosidade, para o voluntariado, para a ajuda, depois favorece o emprego (...) ajudamos estas pessoas a promoverem-se (...) e depois ajuda as pessoas a viver mais tempo, as pessoas que vêm para aqui vivem mais tempo e vivem melhor porque se sentem mais felizes” (E11).

Modelo de institucionalização

No que se refere ao modelo de institucionalização há, desde logo, a mencionar que a totalidade dos idosos entrevistados afirmou a Aldeia como a única resposta social ou instituição onde estiveram (E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10). Neste contexto, 9 dos 10 idosos entrevistados mencionou que a escolha da instituição, no caso a Aldeia de S. José de Alcalar, foi feita exclusivamente pelos próprios (E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E10), sendo que apenas um dos entrevistados (E9) mencionou que foi a família que escolheu a instituição – “foram os meus filhos porque não era bem o meu gosto” (E9).

Tratando-se de uma instituição diferente dos habituais lares tradicionais também o processo de institucionalização dos residentes acaba por se proceder de modo diferente promovido essencialmente pelas estruturas que oferecem aos moradores. Através da observação foi possível constatar que, por se tratar de uma Aldeia-lar, seus moradores residem em pequenos apartamentos/moradias de tipologia T1, T2 ou T3 onde há a possibilidade de transportarem consigo, aquando da admissão na instituição, objectos pessoais, desde uma simples moldura, a uma cómoda ou armário ou simplesmente às loiças da cozinha ou lençóis de cama, e decorarem as casas à sua maneira - embora respeitando pequenas normas impostas pela direcção no que concerne, por exemplo, ao tamanho de mobiliário. Os quartos, a sala, a pequena cozinha e até a casa de banho são ornamentados com pedaços de história da vida dos residentes que transportaram consigo para a sua nova casa o que acaba por gerar nos seus moradores um sentimento de pertença e auxiliar na institucionalização, possibilidades que a maioria das estruturas comuns não consegue proporcionar.

Assim, no que concerne ao modelo a coordenadora menciona que “(...) é um modelo de institucionalização diferente (...) o que acontece aqui é que muitas vezes os idosos vêm por vontade própria (...) embora muitos deles venham de vontade, nos primeiros dias custa-lhes um bocadinho terem de deixar as suas casas e tudo mas depois acabam por se adaptar, podem trazer as coisas deles (...) acaba por ajudar muito também à integração dos próprios idosos porque ficam com o sentimento de pertença, são as coisas deles (...) ajuda a fazê-los sentir mais em casa (...) tudo isso ajuda a fazê-los sentir bem aqui” (E12).

Relativamente aos critérios de admissão na instituição o mentor/gestor do projecto refere que existem três prioridades nos critérios de admissão: “(...) primeira prioridade: pessoas da freguesia, é para a freguesia. Os lares existem nas terras e, por isso, devem de ser ocupados

prioritariamente por pessoas da terra, (...) segundo critério: as pessoas mais necessitadas e necessitadas significam, primeiro caso de necessidade, não terem família nenhuma, (...) a última prioridade é que se não houver gente da freguesia será para pessoas aqui do concelho, da área do concelho” (E11). Em relação a lista de prioridades o mesmo menciona que a admissão “(...) não é de acordo com a ordem da lista, nunca foi nem é, aqui é com o caso de mais necessidade (...) a responsável da Segurança Social chegou a perguntar-me se isso não era uma injustiça e eu disse que injustiça seria deixar morrer a pessoa abandonada” (E11).

Ainda segundo o mentor do projecto (E11) e em conformidade com a coordenadora o pedido de institucionalização é geralmente feito pelas famílias, embora, como a mesma refere “(...) algumas vezes são os próprios idosos (...) a maioria é a família, apesar de termos muitos idosos que vêm eles próprios se inscrever” (E12).

Quanto à intervenção do próprio idoso no processo de institucionalização, tal como em outras instituições ou respostas sociais trata-se de uma questão de extrema importância uma vez que o sucesso de grande parte do processo de institucionalização depende do próprio idoso. Face a isto a coordenadora refere que quando os idosos chegam a Alcalar “(...) precisam muito de conversar, de conviver (...) algumas pessoas de se sentirem ocupadas (...) querem sentir-se úteis (...) sentem mesmo necessidade (...) assim é mais fácil para eles a integração porque acabam por estar ocupados ou mesmo a participar nas actividades (...) o facto de ajudarem e de estarem ocupados acabam por criar mais ligações com os colegas, as próprias funcionárias, acabam por criar outras relações o que acaba por ajudar muito a integração deles” (E12), em contrapartida, os idosos que adoptam uma postura contrária têm mais dificuldades em se integrar.

Ao falar-se em institucionalização o papel da família acaba, na maioria das vezes, por ficar mais descomprometido, citando Fernandes (1999:55) “A maior sobrevivência dos ascendentes em situação de relativa autonomia legitima e reforça a desvinculação de compromisso dos filhos em relação aos seus pais”. É neste sentido que a Aldeia faz questão de promover a relação dos idosos com as famílias através da responsabilização das mesmas. “(...) queremos responsabilizar um bocadinho as famílias e fazer com que elas não se despeguem totalmente” (E12) afirma a coordenadora da Aldeia. Esta responsabilização da família passa primeiramente pela designação de um familiar como responsável pelo idoso que será a pessoa mais presente na vida do residente e passa, por exemplo, a acompanhá-lo numa ida ao médico, fica encarregue pelas fraldas e/ou pela medicação, trata-se de um responsável com quem os

profissionais possam contactar em caso de ocorrência. O gestor do projecto refere ainda que na Aldeia “(...) há abertura à família” (E11) tentando que esta esteja, sempre que possível, presente na vida dos idosos. Importa ainda referir que os responsáveis pela Aldeia notam que existem actualmente uma maior aproximação e participação da vida dos idosos por parte das suas famílias, contrariamente a antigamente em que as famílias estavam mais distanciadas (E12).

Caracterização dos idosos

Segundo os dados recolhidos e a análise do seu conteúdo os principais motivos da institucionalização dos idosos prendem-se com a “solidão/isolamento” (E1, E3, E5, E6, E9), como salienta o gestor do projecto “(...) sobretudo solidão (...) as pessoas vêm sobretudo por causa da solidão em que se encontram” (E11).

A média de idades dos residentes entrevistados foi de aproximadamente 83 anos (83,2), embora haja necessidade de salientar que a média de idades dos residentes de Alcalar é de 82,27 anos, sendo que neste valor se encontram pessoas entre os 45 e os 50 anos que correspondem aos filhos de idosos, portadores de deficiência, residentes na Aldeia. A maioria dos idosos entrevistados são casados (E2, E3, E4, E5, E10), seguindo-se a categoria “viúvos” (E1, E6, E8, E9) no que reporta ao estado civil dos entrevistados. No decorrer das entrevistas, foi possível apurar ainda que 6 dos 10 idosos sabem ler e escrever (E1, E2, E3, E4, E5, E7).

De uma forma geral os residentes que foram entrevistados souberam da existência de Aldeia através de amigos, familiares, vizinhos ou conhecidos ou simplesmente por viverem nas proximidades da mesma. Quanto ao tempo de permanência dos idosos entrevistados importa destacar que se encontram a viver no mínimo há 1 ano (E5, E7) na Aldeia e no máximo há 15 anos (E1, E10).

Em relação à questão do apoio familiar, a maioria dos residentes da amostra afirmam que recebem muito apoio familiar, quando os idosos não têm filhos acabam por ser os sobrinhos a dar esse tipo de apoio. Na questão das visitas pôde-se apurar que a maioria dos moradores recebe visitas frequentemente, sendo que esta situação é bastante privilegiada uma vez que não existe horário de visitas estabelecido.

No relacionamento com os outros residentes a maioria afirmou ter uma boa relação com os colegas da Aldeia, chegando mesmo a considerá-los como família (E1, E2, E4, E5, E6, E7).

Salientam, no entanto, que todos são diferentes e têm os seus feitios, apesar disso são companheiros e apoiam-se muito.

A participação dos idosos na vida da Aldeia é um dos elementos que caracteriza a própria instituição demarcando-a das demais. Em Alcalar o funcionamento, a organização e a dinâmica da aldeia está dependente dos seus residentes, como a coordenadora afirmou aquando da entrevista “eles acabam no fundo por ser a própria Aldeia” (E12). Nenhum residente é obrigado a trabalhar na Aldeia (E11), é-lhes dada essa possibilidade e fazem-no livremente como bem o entenderem, sendo que o principal objectivo é fazer com que os moradores se sintam úteis (E12). Através da observação foi possível verificar a dinâmica dos residentes na prática das suas actividades. Geralmente os idosos organizam-se por grupos e partilham as tarefas e os afazeres da Aldeia, “funcionando em comunidade, em entreajuda” (E12). Por exemplo, existe um grupo que auxilia na cozinha a tratar da loiça, a pôr as mesas, a preparar os legumes, outros nos trabalhos manuais, fazem rendinhas e ajudam na costura, na lavandaria, há um idoso responsável pelo bar da Aldeia e outro pelos jardins, pela barbearia, pelas hortas onde colhem os produtos e levam para a cozinha, simplesmente quem pode faz a sua própria cama, ajudam a levar as pessoas portadoras de deficiência, “(...) acabam por fazer muitas coisas e coisas diferentes” (E12), em suma, como o gestor refere “(...) não estão fechados em casa, estão acompanhados (...) acabam por se sentirem úteis” (E11). Como defende Pimentel (2001:111) o significado atribuído ao trabalho e ao envolvimento na dinâmica institucional é importante pois constitui “em última análise, a negação dos mitos da improdutividade e da dependência que são construções sociais e que influenciam as representações colectivas da velhice”. Massé (1984:13), citado por Fernandes (2001:111-112), sustenta a ideia de que “a passividade e a falta de motivação dos idosos resulta frequentemente na falta de reconhecimento das suas capacidades e impedem que os indivíduos se auto-promovam”.

No que concerne a deslocações para fora da Aldeia todos os idosos entrevistados revelaram que se deslocam para fora da Aldeia sozinhos, muitas vezes usando como meio de transporte o autocarro, com a finalidade de cumprir diversas tarefas sobretudo nas cidades mais próximas, nomeadamente, Mexilhoeira Grande, Portimão ou Lagos – há que referir que um dos residentes possui carro próprio deslocando-se sempre que deseja (E7).

Quando questionados sobre a possibilidade de alterar o modo de funcionamento ou de algum aspecto da Aldeia, 6/10 idosos (E1, E3, E6, E7, E8, E9) referiram que não alteravam nada

na Aldeia, já 4/10 mencionaram que se pudessem alterariam algo. Essas quatro respostas de possíveis alterações prendem-se, sobretudo com algumas faltas de respeito e compreensão por parte de idosos a colegas ou funcionárias (E4; E10), com a falta de iluminação em determinadas zonas do recinto da Aldeia (E10), com a falta de mão de obra em determinadas tarefas, nomeadamente no tratamento dos jardins – “(...) eu precisava de mais um amigo ou dois que me ajudasse a limpar, porque há muito serviço para fazer aqui fora (...) se eu tivesse um amigo ou dois dava-me muito jeito (...) por hora não há mais ninguém que ajude, têm outras tarefas para fazer” (E5). Por último houve um residente que fez um breve apontamento acerca da religião, uma vez que maioritariamente da Aldeia Cristã praticante, que a própria Aldeia é dirigida por um Padre e pertence ao Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande e comporta ainda nas suas infra-estruturas uma Capela para local de culto, no entanto há a salientar que existe liberdade religiosa (E11) – como o próprio residente afirma aquando da sua contestação “(...) eu pertenço à Igreja Evangélica e não gosto deste ambiente, destas imagens que há por aí e das pessoas se benzerem, é contra a Bíblia Sagrada, é isso que no meu ver eu mudava (...) mas há liberdade religiosa, eu não sou obrigado a ir à missa (...)” (E2).

Importa ainda referir que ao longo das entrevistas dirigidas aos idosos foi possível constatar o seu grau de satisfação muitas vezes expresso em frases no decurso das entrevistas, tais como “sou feliz aqui e gosto de cá estar” (E8) ou “(...) eu gosto de cá estar, no princípio não gostava muito, mas agora gosto, sinto-me aqui bem” (E9).

2. A intervenção e a promoção da autonomia nos idosos da Aldeia de S. José de Alcalar

Modelos de intervenção

Na Aldeia-lar a intervenção dos profissionais baseia-se sobretudo na questão da promoção do envelhecimento activo, aplicando-se a questão do empowerment sénior (E12). Howe (2009) menciona que o empowerment parte da ideia de dar às pessoas o poder, a liberdade e a informação que lhes permite tomar decisões e participar activamente da organização. Assim, contextualizando, o empowerment sénior corresponde ao processo de devolução de poderes às pessoas idosas, criando os alicerces da auto-estima e auto-determinação essenciais para uma participação activa na sociedade.

Através da aplicação destes conceitos e teorias pretende-se, sobretudo, desenvolver a participação e a autonomia dos residentes de forma a que consigam realizar autonomamente as suas actividades da vida diária – “(...) nós damos os instrumentos necessários, capacitamos para (...) a partir do momento em que a gente lhes dá essa liberdade eles acabam por ter esse poder (...) fazem por eles próprios” (E12). O que permite corroborar com a ideia de Payne (1997:365) que o uso da teoria da capacitação permite a conquista de poder de decisão e de acção sobre a própria vida dos indivíduos.

Quando questionada acerca das metodologias utilizadas mais adequadas à intervenção nos idosos residentes a coordenadora que o método mais utilizado é o recurso às conversas informais, segundo a mesma “(...) as conversas informais ajudam muito a que nós percebamos como é que funcionam as coisas” (E12). Em relação aos princípios orientadores da intervenção a coordenadora afirma que se baseia, essencialmente, nos direitos dos idosos, pretendendo fazer com a sua intervenção seja justa não dando azo a juízos de valor (E12).

Importância da promoção da autonomia nos idosos

De uma forma geral, na opinião dos profissionais da Aldeia-lar, a promoção da autonomia tem um papel importante na vida dos idosos uma vez que, como menciona a coordenadora, “ao serem autónomos à partida estão mais ocupados, estão mais distraídos o que faz com que não pensem tanto na solidão, não pensem tanto na morte e tenham um envelhecimento mais feliz” (E12). Esta questão tem especial destaque quando se aponta como um dos principais motivos da promoção da autonomia nos idosos a capacidade da realização das actividades da vida diária.

Particularmente em relação à promoção da autonomia nos idosos residentes Na Aldeia de S. José de Alcalar, “num modelo de instituição destes a autonomia acaba por ser importante porque é a partir dessa autonomia e do trabalho deles que a Aldeia se organiza, através da entajuda nas coisas mais simples”, salienta a coordenadora (E12). Trata-se, mais uma vez, da questão do empowerment sénior e dos idosos se sentirem úteis através das tarefas que desenvolvem no seu dia-a-dia. Como revela a coordenadora “é muito importante esta promoção da autonomia junto deles porque assim sentem-se úteis, é a velha questão: uma pessoa ao sentir-se útil sente-se bem com ela própria, sente que é capaz, capaz de fazer alguma coisa (...)” (E12). Quando questionada relativamente à possibilidade de implementação de outro possível modelo de

promoção de autonomia a mesma afirma que embora possam haver outras técnicas que se poderiam aplicar, o modelo em questão tem funcionado, indo ao encontro das pessoas e de cada caso específico e, obviamente, que dependendo das pessoas em si, mas de uma forma geral se têm obtido os resultados positivos.

Relativamente à sua formação base em educação social, a coordenadora, menciona que as suas principais funções na Aldeia-lar passam por receber o idoso, aquando da admissão, promover a sua integração, fazer o acompanhamento dos residentes, estabelecer o contacto com as famílias e actualizar a lista de emergência (E12).

Quando questionados em relação ao sentimento de autonomia todos os idosos mencionaram, de uma forma mais explícita ou não, que se sentem bem e que se sentem autónomos, justificando essa afirmação com a realização das suas actividades da vida diária, chegando um idosos a salientar que “(...) a Aldeia trouxe-me a possibilidade de ser activo (...) nós aqui temos uma possibilidade única” (E1). Posto isto, importa ainda transcrever algumas citações que reforçam o sentimento de autonomia por parte dos residentes: “(...) sinto-me bem (...) acho que talvez me sinto assim por a Aldeia ser como é, talvez estas casinhas contribuem muito para isso, nos outros lares não é assim, aqui é diferente” (E2); “aqui somos independentes (...)” (E4); “por hora sinto-me independente e autónomo, sem qualquer restrição do que tenho para fazer (...)” (E5); “(...) embora seja um lar, sinto-me autónomo e sou independente porque é diferente (...)” (E7); “(...) faço as minhas coisinhas todas e ajudo o meu filho” (E8); “(...) eu continuo a fazer tudo o que tenho para fazer (...)” (E10).

Procedendo à análise paralela dos dados adquiridos, com vista à obtenção de resposta à pergunta de partida que principiou o estudo, realça-se a intervenção com vista à autonomia através da promoção do empowerment e aplicando a teoria da capacitação.

CONCLUSÃO

Após análise pormenorizada dos dados obtidos tornou-se possível constatar que os objectivos a que a investigação se propôs foram maioritariamente atingidos, tendo permitido a produção de conhecimento no âmbito do Serviço Social e da promoção de autonomia junto de idosos institucionalizados.

Neste sentido, destaca-se que foi possível compreender o modelo de institucionalização da resposta social, podendo afirmar-se que se trata de um modelo de institucionalização inovador devido, sobretudo, às características da própria infra-estrutura, que permite o acolhimento não só de idosos como de famílias idosas, indo ao encontro do principal objectivo da Aldeia-lar: o acolhimento de pessoas que se tornaram dependentes e dando-lhes uma casa onde passam a viver e a entusiasmar-se com o que ainda são capazes de fazer. O modelo de institucionalização da Aldeia de S. José de Alcalar destaca-se principalmente por ter sido pensado de modo a que os seus residentes se sintam em casa, oferecendo aos seus residentes outro tipo de estruturas contrapondo-se com as dos habituais lares tradicionais.

Outro principal dado apurado relativamente à institucionalização em Alcalar é que a grande maioria dos seus residentes é instituída de livre vontade, condição básica imposta pelo gestor da Aldeia com o objectivo de proporcionar uma maior facilidade de adaptação e também com o intuito de impedir possíveis suicídios – como aconteceu anteriormente à condição ter sido imposta, e que proporciona desde logo que os residentes estejam mais predispostos a participar na vida da Aldeia.

Relativamente aos idosos participantes no modelo constatou-se que se tratam de idosos que ainda possuem um grande grau de autonomia e independência e que, na sua maioria, ingressaram na instituição devido ao isolamento e à solidão em que se encontravam, acabando por encontrar na Aldeia-lar não só um meio de combate ao isolamento como que uma nova vida e o regresso à vida em sociedade e até a possibilidade de desenvolver capacidades inatas até então desconhecidas. A maioria dos residentes são casados ou viúvos, destacando-se ainda 5 famílias monoparentais que vivem na Aldeia-lar. Embora a maioria nunca tenha estado institucionalizada, os idosos reconhecem que a Aldeia-lar é detentora de características próprias, tornando-a diferente dos habituais lares tradicionais, aos quais os idosos revelaram não constituir uma resposta onde desejariam ingressar. Denota-se que a maioria dos residentes tem perfeita

consciência dos benefícios que a resposta social Aldeia-lar e o seu modelo de institucionalização lhes concede. Assim, apontam-se como principais benefícios não só na actividade dos próprios idosos como o desenvolvimento de sentimentos como a auto-estima, bem-estar, utilidade, mas sobretudo, vontade de viver mais e melhor.

A intervenção do próprio idoso no processo de institucionalização torna-se uma questão de extrema importância, uma vez que grande parte do sucesso de integração depende do próprio idoso. Na sequência da institucionalização há ainda a referir que os responsáveis da Aldeia fazem questão que a promoção da relação dos idosos com as famílias seja feita através da responsabilização para que, mesmo após o processo de institucionalização, a família do residente não fica desresponsabilizada nem das suas funções nem do papel que ocupa na vida dos seus idosos. Importa referir que actualmente denota-se uma maior aproximação e participação por parte da família na vida dos seus idosos, contrariamente ao que sucedia antes, provando que os modelos de responsabilização e participação aplicados às famílias estão a ser correctamente aplicados e a surtir efeito.

De uma forma geral depreendeu-se que a grande maioria dos idosos tem noção da importância que a autonomia tem nas suas vidas e da sua necessária promoção. Nos idosos residentes a noção de autonomia está intimamente ligada à possibilidade de realização das suas actividades de vida diária, ao sentimento de independência, à possibilidade de ainda serem activos e à ajuda prestada aos demais residentes.

Num modelo de institucionalização como o da Aldeia de S. José de Alcalar o conceito de autonomia toma especial importância uma vez que é a partir da própria autonomia dos idosos e do seu trabalho que a Aldeia e os seus profissionais se organizam. Para isso, a intervenção com vista à autonomia e promoção dessa na instituição passa, essencialmente, pela aplicação das questões do desenvolvimento do empowerment sénior e da capacitação, no dia-a-dia, nas tarefas que os residentes desenvolvem. À parte da organização da Aldeia-lar, a autonomia é também referida como um importante instrumento no que concerne aos sentimentos de bem-estar que os próprios idosos acabam por desenvolver sentindo-se ainda úteis.

Neste sentido, poder-se-á afirmar que a promoção da autonomia na ASJA passa, essencialmente pelo desenvolvimento da participação dos idosos na dinâmica da Aldeia, constituindo-se igualmente como um dos elementos que caracteriza a própria instituição

demarcando-a das demais, uma vez que o seu funcionamento e organização depende dos próprios residentes.

Em relação à metodologia mais adequada à intervenção, sendo que a coordenadora da Aldeia-lar tem formação académica em educação social, denota-se uma lacuna relativamente à intervenção no terreno e consequentemente à informação obtida para o presente estudo. É muito importante o trabalho desenvolvido pelos educadores sociais especialmente tratando-se de pessoas idosas, no entanto o seu trabalho parece um pouco, como que, condicionado relativamente às suas funções – que passam por receber os residentes aquando da admissão, promover a sua integração, fazer o acompanhamento dos residentes, estabelecer contacto com as famílias. Deste modo, foi possível constatar, de acordo com a análise de dados, que na intervenção se encontra um espaço na Aldeia poderia ser ocupado por um assistente social. Importa salientar que a Aldeia-lar funciona bem e está provida de bons profissionais que fazem transparecer o gosto pela Aldeia e pelo seu trabalho, no entanto, era benéfico que houvesse a possibilidade de ter um profissional de serviço social a desenvolver o seu trabalho na Aldeia-lar.

Não se pretende com isto que o trabalho dos profissionais da Aldeia seja posto em causa, pretende-se apenas que seja salientada a possibilidade do trabalho que desenvolvem ser complementada com o trabalho desenvolvido pelos técnicos de serviço social com a finalidade de uma maior intervenção. Há a salientar que na Aldeia de S. José de Alcalar é promovida a autonomia e os seus residentes têm qualidade de vida, no entanto era favorável, principalmente para os idosos, ir mais além do assistencialismo fomentado. O trabalho desenvolvido pelo assistente social permitiria dar respostas às necessidades e intervir de uma maneira mais profunda na promoção da autonomia. Assim, a existência do Serviço Social na Aldeia possibilitaria não só uma intervenção centrada em cada residente mas uma maior promoção da autonomia e consequentemente uma maior qualidade de vida, uma vez que o Serviço Social foca a sua acção na resposta às necessidades das pessoas e no desenvolvimento das capacidades do ser humano. Não obstante, o trabalho social seria perfeitamente enquadrado na Aldeia-lar uma vez que o Serviço Social tem como principal objectivo ajudar as pessoas a desenvolverem todas as suas potencialidades, a enriquecerem as suas vidas e a prevenir disfunções, indo ao encontro do próprio modelo de institucionalização da Aldeia.

Este estudo possibilitou concluir que não só existe possibilidade de promoção da autonomia junto de pessoas idosas institucionalizadas como acaba por ter especial importância

quando aplicada em determinados modelos de institucionalização como é o caso da Aldeia de S. José de Alcalar, onde os próprios residentes têm um papel fulcral.

O facto dos resultados terem sido limitados no que concerne à intervenção do Serviço Social levou à pertinência de aferir como seria realizada essa possível intervenção. Este questionamento estendeu-se a outros pontos de pertinência que abrem caminho a novas investigações mais aprofundadas que poderiam permitir o avanço no conhecimento científico do Serviço Social. Neste sentido, surgem como novas questões a investigar: compreender junto dos familiares dos idosos até que ponto os mesmos continuam autónomos estando na Aldeia; estabelecer uma comparação entre o grau de autonomia dos idosos institucionalizados na Aldeia-lar e o grau de autonomia de idosos institucionalizados em lares tradicionais; identificar a possibilidade de reconhecimento do modelo de institucionalização Aldeia-lar enquanto resposta social; estabelecer uma relação entre a longevidade dos idosos institucionalizados da Aldeia com idosos não institucionalizados.

BIBLIOGRAFIA

- Ballesteros, Rocío Fernández (2000), *Gerontología Social*, Madrid, Ediciones Pirámide.
- Banks, Sarah (1995), *Ethics and values in social work*, 3rd Edition, New York, Palgrave Macmillan.
- Beaud, Stéphane e Florence Weber (2007), *Guia para pesquisa de campo – Produzir e analisar dados etnográficos*, Rio de Janeiro, Vozes.
- Carrilho, Maria José (1993), “O Processo de Envelhecimento em Portugal: que perspectivas?”, *Revista Estudos Demográficos*, (31), Lisboa, INE pp. 75-98.
- Caparrós, Maria José Escartín (1998), *Manual de trabajo social – Modelos de práctica profesional*, Alicante, Editorial Aguaclara.
- Costa, Alfredo Bruto da (2007), “Exclusões Sociais”, em Coleção Fundação Mário Soares (orgs.), *Cadernos Democráticos*, II, 6ª edição, (sine loco), Edição Gradiva.
- Costa, Domingos Monteiro da (2000), *Aldeia de S. José de Alcalar – Uma Bem-Aventurança Viva*, Braga, Editorial A.O.
- Delpérée, Nicole (2000), “A protecção dos Direitos das Pessoas Idosas”, *Futurando*, (1) pp.3-8.
- Fernandes, Ana Alexandre (1997), *Velhice e Sociedade – demografia, família e políticas sociais em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Fernandes, Ana Alexandre (1999), “Velhice e Sociedade: alterações nos calendários demográficos e políticas sociais”, *actas da comunicação apresentada no V Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, Câmara Municipal de Cascais, 6 a 11 de Julho de 1998, IV, pp. 51-60, Cascais.
- Disponível em: <http://www.socialgest.pt/dlds/APEnvelhimentoequalidadedevida.pdf>
Data de acesso em 15 de Janeiro de 2011.
- Fonseca, António M. (sine anno), “Envelhecimento e qualidade de vida em Portugal: algumas evidências e outras tantas inquietações” comunicação apresentada no I Congresso Internacional – *Envelhecimento e Qualidade de Vida*, Universidade Católica Portuguesa & Unifai, (sine anno), Lisboa.
- Fontaine, Roger (2000), *Psicologia do envelhecimento*, Lisboa, Climepsi.
- Ghiglione, Rodolphe e Benjamin Matalon (1992), *O Inquérito – Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.
- Howe, David (2009), *A Brief Introduction to Social Work Theory*, London, Palgrave Macmillan.
- Jacob, Luis (2001), *A Velhice*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, ISCTE.
- Mouro, Helena e tal. (2001), *100 Anos de Serviço Social*, Coimbra, Quarteto Editora.
- Payne, Malcolm (1997), *Teoria do Trabalho Social Moderno*, Lisboa, Quarteto.
- Pimentel, Luísa (2001), *O lugar do Idoso na família - contextos e trajetórias*, Coimbra, Quarteto Editora.
- Quaresma, Maria de Lourdes (org.) (2003), *O Sentido das Idades da Vida. Interrogar a solidão e a dependência*, (sine loco), Ed. CESDET.
- Quivy, Raymond, LucVan Campenhoudt (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Ranquet, Mathilde du (1996), *Los modelos e Trabajo Social – Intervención com personas y familias*, Madrid, Sec. XXI.
- Ray, Mo e Judith Philip, “Older People”, em Robert Adams et al (2002) (org.), *Critical Practise in Social Work*, (sine loco), Palgrave Macmillan.

- Relvas, Ana Paula (1996), *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*, Porto, Afrontamento.
- Ribeiro, Maria da Conceição Osório e Ana Sani (s.a.), “Risco, protecção e resiliência em situações de violência”, *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, Online.
- Disponível em: http://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1294/1/400-407_FCS_06_-7.pdf; Data de acesso em 15 de Janeiro de 2011.
- Robert, Ladislav (1995), “O Envelhecimento Factos e Teorias”, em António Oliveira Cruz (org.), *Colecção Biblioteca Básica de Ciência e Cultura*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Santos, Figueiredo e Fernanda Encarnação (1998), *Modernidade e Gestão da Velhice*, (s. l.), Edição do Centro Regional de Segurança Social do Algarve.
- Saraceno, Chiara e Manuela Naldini (2003), *Sociologia da Família*, Lisboa, Terramar.
- Silva, Pedro Adão e (2002), “O Modelo de Welfare da Europa do Sul – Reflexões sobre a Utilidade do Conceito” em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº38, pp.25-59.
- Vanbreda, Adrian DuPlessis (2001), *Resilience Theory: A Literature Review*, South Africa, Online
- Disponível em: <http://www.adrian.vanbreda.org/resilience/resilience.pdf>; Data de acesso em: 04 de Fevereiro de 2011.
- Vilelas, José (2009), *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento*, Lisboa, Edições Sílabo.
- Walsh, Froma (2006), *Strengthening Family Resilience*, New York, The Guilford Press.

LEGISLAÇÃO

Declaração Universal dos Direitos do Homem

<http://www.digesto.gov.pt/comum/html/legis/dudh.html>; Data de acesso em: 12 de Junho de 2011

Resolução n.º 46/91, Assembleia das Nações Unidas

http://www.gaf.pt/servicos/nucleodeatendimento/informacoes/maisinformacoes_apoio/pdf/principios_das_nacoes_unidas_para_o_idoso.pdf; Data de acesso em: 12 de Junho de 2011

Constituição da República Portuguesa

<http://dre.pt/comum/html/legis/crp.html>; Data de acesso em: 12 de Junho de 2011

Lei n.º 32/2002 de 20 de Dezembro

http://www2.seg-social.pt/preview_documentos.asp?r=6582&m=PDF; Data de acesso em: 12 de Junho de 2011

Respostas Sociais

<http://www2.seg-social.pt/left.asp?03.06.03.01>; Data de acesso em: 14 de Junho de 2011

DOCUMENTAÇÃO TÉCNICA

Organização das Nações Unidas (1999), *Direitos Humanos e Serviço Social – Manual para Escolas e Profissionais de Serviço Social*, Lisboa, Departamento Editorial do ISSScoop.

Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/temas-dh/pdfs/HRSocialWork-scannado.pdf> ;

Data de acesso em: 12 de Dezembro de 2010.

BILIOGRAFIA WEB

http://ec.europa.eu/health-eu/my_health/elderly/io_pt.htm; Data de acesso em 19 de Agosto de 2011

www.ine.pt; Data de acesso em 23 de Janeiro de 2011

<http://www.socialgest.pt/gerontologia.htm>; Data de acesso em 23 de Janeiro de 2011

ANEXO A: Guião de Entrevista I

Guião de Entrevista I – dirigida ao Sr. Padre Domingos da Costa – Mentor/Gestor do Projecto

Eu, Sophie Veiga Fontes, aluna do Mestrado de Serviço Social no ISCTE – IUL, estou a realizar uma dissertação denominada “A Aldeia de S. José de Alcalar – A Inovação de uma Resposta Social”, sob orientação da Mestre Maria João Pena. A investigação tem como objectivo aprofundar o conhecimento sobre este tipo de resposta social e sistematizar a intervenção do Serviço Social. Assim, solicitamos a vossa colaboração e disponibilidade na resposta à entrevista de forma a concretizar este trabalho de pesquisa, assegurando o anonimato e confidencialidade das informações recolhidas.

Código: _____

Grupo 1: Caracterização dos Utentes e da resposta social

1. Como nasceu a ideia ou em quê se baseou para desenvolver este projecto?
2. Como caracteriza esta resposta social?
3. Qual a capacidade da resposta?
4. Quantos residentes se encontram actualmente na Aldeia?
5. Qual o grupo etário abrangido pela resposta social?
6. Qual o estado civil dos utentes?
7. Quais são os critérios de admissão?
8. Como se organiza o modelo de resposta social “Aldeia”?
9. Que outras respostas sociais oferece a Aldeia de S. José de Alcalar?
10. Quais são as potencialidades e os constrangimentos do projecto?
11. Como participam os próprios idosos na vida da Aldeia?

Grupo 2: Caracterização da institucionalização

1. Quais os principais motivos, que promovem a institucionalização das pessoas idosas?
2. Quem faz o pedido de institucionalização?
3. De que forma o próprio Utente intervém no processo de institucionalização?
4. Aquando da primeira visita à Aldeia e do conhecimento no terreno da resposta social, os idosos costumam vir acompanhados pelos familiares?
5. Como promove a Aldeia as relações dos idosos com a restante família?

ANEXO B: Guião de Entrevista II

Guião de Entrevista II – dirigido à Direcção

Eu, Sophie Veiga Fontes, aluna do Mestrado de Serviço Social no ISCTE – IUL, estou a realizar uma dissertação denominada “A Aldeia de S. José de Alcalar – A Inovação de uma Resposta Social”, sob orientação da Mestre Maria João Pena. A investigação tem como objectivo aprofundar o conhecimento sobre este tipo de resposta social e sistematizar a intervenção do Serviço Social. Assim, solicitamos a vossa colaboração e disponibilidade na resposta à entrevista de forma a concretizar este trabalho de pesquisa, assegurando o anonimato e confidencialidade das informações recolhidas.

Código: _____

Grupo 1: Caracterização da resposta social e da institucionalização

1. Como caracteriza esta resposta social?
2. Como se organiza o modelo de resposta social Aldeia-Lar?
3. Na sua opinião, quais são as potencialidades e os constrangimentos do projecto?
4. Como caracteriza o modelo de institucionalização da resposta social?
5. Quais os principais motivos, que promovem a institucionalização dos Utentes?
6. Quem faz o pedido de institucionalização?
7. De que forma o próprio Utente intervém no próprio processo de institucionalização?
8. Como promove a Aldeia as relações dos idosos com a restante família?
9. Segundo a sua experiência, quais as principais necessidades apresentadas pelos Utentes?

Grupo 2: Intervenção e promoção da autonomia

1. Existe algum conceito de intervenção que se erga como matriz? Que procedimentos teórico são aplicados?
2. Quais as metodologias mais adequadas à intervenção no modelo da resposta social com vista à promoção da autonomia??
3. Qual o seu papel no modelo da resposta social? E por que princípios se rege a sua intervenção?
5. De uma forma geral e, segundo a sua experiência, qual a importância da promoção de autonomia nas pessoas idosas?
6. Tendo por base a Aldeia, qual a importância da promoção da autonomia junto dos idosos institucionalizados? E de que forma se continua a promover essa autonomia nos residentes?
7. Acha que haveria outro modo de promoção de autonomia que poderia/deveria ser utilizado no modelo da resposta social?
8. Como participam os próprios idosos na vida da Aldeia?

ANEXO C: Guião de Entrevista III

Guião de Entrevista III – dirigido aos Utentes

Eu, Sophie Veiga Fontes, aluna do Mestrado de Serviço Social no ISCTE – IUL, estou a realizar uma dissertação denominada “A Aldeia de S. José de Alcalar – A Inovação de uma Resposta Social”, sob orientação da Mestre Maria João Pena. A investigação tem como objectivo aprofundar o conhecimento sobre este tipo de resposta social e sistematizar a intervenção do Serviço Social. Assim, solicitamos a vossa colaboração e disponibilidade na resposta à entrevista de forma a concretizar este trabalho de pesquisa, assegurando o anonimato e confidencialidade das informações recolhidas.

Código: _____

1. Qual a sua idade?
2. Qual é o seu estado civil?
3. Há quanto tempo se encontra na Aldeia?
4. Já esteve em outra instituição ou resposta social?
5. Quais foram os principais motivos que levaram à sua institucionalização?
6. Quem fez a escolha da Instituição?
7. O que acha deste modelo de resposta social?
8. Continua a ter apoio familiar?
9. Recebe muitas visitas?
10. Qual a sua relação com os outros Utentes?
11. Como é o seu dia-a-dia na Aldeia?
12. Desloca-se sozinho/a para fora da Aldeia?
13. Continua a sentir-se autónomo?
14. Se pudesse, mudaria alguma coisa na organização da Aldeia?

ANEXO D: Análise de Conteúdo

Entrevista ao mentor e gestor do projecto

Quadro 1: Caracterização dos idosos e da resposta social por parte do mentor do projecto

Categoria	Conteúdo
Projecto da “Aldeia-lar”	- “A Aldeia foi fruto daquilo que eu via e daquilo que eu observava. Primeiro em 1983 foi adaptada uma casa na Mexilhoeira para um pequeno Lar de idosos para evitar que as pessoas se suicidassem porque aqui no interior da freguesia todos os anos havia 2,3 e 4 suicídios de pessoas idosas (...) a mentalidade das pessoas dizia que era o destino, que estava assim marcado, que era a vontade de Deus e isso revoltava-me imensamente, com a adaptação dessa casa para Lar os suicídios acabaram na freguesia (...) depois no lar apercebi-me de que havia pessoas que, por exemplo, quando tinham sido durante muitos anos viúvas ou que nunca tinham casado, tinham dificuldade em partilhar um quarto com uma outra pessoa, e eu comecei a ver que tinha de haver outra possibilidade diferente. Além disso casos, por exemplo, de uma pessoa com um filho ou uma filha deficiente, ou um irmão ou uma irmã que tivessem vivido sempre juntos ou e um a tratar do outro (...) chegando a um lar tradicional, tinham de partilhar um quarto com pessoas estranhas e de maneira que a questão da família desfazia-se. Mas para que a família tivesse uma certa autonomia e intimidade era necessário também que o espaço ajudasse e não fosse um quarto, porque um casal pode viver num quarto mas depois está sujeito exactamente ao mesmo ritmo das outras pessoas e aí isso levou-me a pensar na construção de uma aldeia para pessoas idosas. (...) as únicas aldeias que eu conhecia de ouvir falar eram as aldeias do Padre Américo “A Obra do Gaiato” e as “Aldeias SOS” (...) e as pessoas perguntavam-me onde é que eu vi este modelo... em parte nenhuma! Aliás, sei que é único na Europa para pessoas idosas (...) o projecto saiu da minha cabeça, da vivência.”
Caracterização da resposta social	- “É uma Aldeia. Uma Aldeia, vê-se pelas casas, as pessoas vivem junto umas das outras, as portas estão abertas, as pessoas comunicam umas com as outras, a vizinhança (...) aquilo que era típico das nossas aldeias de antigamente e em que as pessoas numa aldeia se conheciam todas (...) se vigiavam, se defendiam, protegiam, ajudavam e é este o espírito (...). Segundo a Segurança Social isto vai contra todas as normas porque as pessoas mais válidas ajudam na aldeia (...). Quando às vezes me perguntam «porquê as pessoas são aqui tão felizes?» E eu respondo porque têm espaço, porque têm espaço! (...) nós precisamos de espaço (...) outra questão, por exemplo, é que as visitas podem ser feitas a qualquer hora, a qualquer momento porque as pessoas estão nas suas casas, num lar tradicional habitualmente as pessoas têm horinhas marcadas e àquela hora (...) andam a trabalhar e não podem. Aqui podem vir à noite, depois do trabalho porque a Aldeia está aberta (...) depois têm outra possibilidade aqui as pessoas se podem ajudar no jardim, podem sentir-se válidas ainda e, depois, sendo uma Aldeia está aberta também à população, em contacto com a população local (...) tem sobretudo estas vantagens em comparação com os lares tradicionais.”
Capacidade da resposta	- “(...) o acordo tenho para 105 mas com o lar da Mexilhoeira foi remodelado tenho mais 10 utentes provisórios, num total 115.”
Grupo etário dos residentes	- “A média é de 80 e tais anos, embora haja pessoas mais novas, o caso desses deficientes mais novos, homens à volta dos 40/50 anos.”
Estado civil dos resi.	- “Há casados, divorciados, viúvos (...).”
Critérios de admissão	- “Critérios de admissão, primeira prioridade: pessoas da freguesia, é para a freguesia. Os lares existem nas terras e, por isso, devem de ser ocupados

	<p>prioritariamente por pessoas da terra (...) Segundo critério: as pessoas mais necessitadas e necessidades significam: primeiro caso de necessidade não terem família nenhuma, não terem ninguém de família, serem solteiros, enfim que não tiveram filhos e ficaram sós e não têm ninguém (...) E depois a última prioridade é que se não houver gente da freguesia será para pessoas aqui do concelho, da área do concelho (...) e também não é de acordo com a ordem da lista, nunca foi nem é, aqui é com o caso de mais necessidade, por exemplo, se houver um caso de uma pessoa que habitualmente viveram sempre sozinhas e sem ninguém e com uma vida muito desorganizada e desregrada. Uma altura aqui a responsável da Segurança Social chegou a perguntar-me se isso não era uma injustiça e eu disse que injustiça seria deixar morrer a pessoa abandonada, se os outros ainda estão em casa é porque têm ainda alguma protecção, senão também já estariam cá.”</p>
Organização do modelo da resposta social “Aldeia-lar”	<p>- “Eu sou o administrador disto, o director, mas também há uma direcção (...) eu não passo muito tempo aqui na Aldeia, a minha primeira função é ser Padre de maneira que (...) eu confio muito nas pessoas, responsabilizo-as muito, isso tem muitas consequências, nem sempre agradáveis mas (...) dou liberdade, dou muita responsabilidade (...).”</p>
Outras respostas sociais da Aldeia	<p>- “Está aqui integrado provisoriamente o jardim infantil, temos o infantário, o ATL, a creche, o apoio ao domicílio e temos a colaboração com outras entidades como a Câmara (...).”</p>
Potencialidades do projecto	<p>- “As potencialidades estão à vista, eu digo esta Aldeia faz muito, o estar aqui é a maior pregação desta Paróquia (...) quem chega aqui não fica indiferente (...) estabelece relação com a sociedade, motiva as pessoas para a generosidade, para o voluntariado, para a ajuda, depois favorece também emprego aos pobres, sempre empreguei pessoas desempregadas e pessoas jovens (...) ajudamos estas pessoas a promoverem-se (...) e depois ajuda as pessoas a viver mais tempo, as pessoas que vêm para aqui vivem mais e mais tempo e vivem melhor porque se sentem mais felizes (...).”</p>
Constrangimentos do projecto	<p>- “Da dificuldade que há depois em gerir isto, é claro que não é qualquer direcção, é preciso ter espírito (...) os constrangimentos têm a ver com a ética, a falta de ética (...).”</p>
Participação dos idosos na vida da Aldeia	<p>- “As pessoas que trabalham aqui (...) ninguém é obrigado! (...) São as pessoas que o fazem livremente e como querem e é-lhes dada a possibilidade (...) vão, por exemplo, em grupos para a cozinha, ajudam aqui no jardim, ajudam na costura, na lavandaria (...) as pessoas que podem fazem as próprias camas (...) ajudam a levar os deficientes, a transportá-los em cadeiras de rodas (...) não estão fechados em casa estão acompanhados (...) acabam por se sentirem úteis (...).</p>

Quadro 2: Caracterização da institucionalização por parte do mentor do projecto

Categoria	Conteúdo
Motivos da institucionalização	- “Solidão, sobretudo solidão (...) as pessoas vêm, sobretudo, por causa da solidão em que se encontram (...)”
Pedido de institucionalização	- “Habitualmente há os dois casos (...) a maioria, se calhar, são os familiares, mas também há idosos que vêm cá por eles mesmos (...)”
Intervenção do idoso no processo de institucionalização	- “Quando vêm, vêm sós mas já conhecem isto ou têm cá amigos ou têm aqui familiares (...) as pessoas prendem-se a isto e depois dizem aos outros (...)”
O papel da Aldeia na promoção das relações dos idosos com as famílias	- “Há uma responsabilização por parte da família relativamente aos idosos (...) sobretudo nós motivamos também a família a colaborar, porque a família a tentação é despachar as pessoas idosas e depois desresponsabilizar-se delas, por exemplo, as pessoas continuam responsáveis pelas fraldas (...) pelos medicamentos (...) levar ao médico (...) para que acompanhe e se responsabilize (...) nós exigimos isso desde o princípio, uma pessoa responsável por cada idoso (...) com quem entraremos em contacto (...) procuramos responsabilizar as pessoas (...) quando há festas (...) são convidados os familiares (...) participam com a família (...) há abertura da Aldeia, há abertura à família (...)”

ANEXO E: Análise de Conteúdo
Entrevista à Coordenadora da Aldeia
Quadro 3: Caracterização da resposta social

Categoria	Conteúdo
Caracterização da resposta social	- “Uma resposta social muito diferente das outras (...) é considerada pela Segurança Social como lar de idosos mas é uma Aldeia-lar, isto não é um lar tradicional (...) os lares tradicionais são completamente diferentes deste (...) acho que é completamente diferente em termos de privacidade dos idosos, especialmente quando se trata de um casal (...) é completamente diferente do que estarem num lar tradicional (...) ali têm o espaço deles, têm a sala deles, têm a casa de banho deles, o quarto deles, é diferente (...) depois em relação aos restantes idosos, apesar de estarem de 4 a 5 pessoas, no máximo, numa casa, acaba por ser um menor número de pessoas num espaço, o que ajuda muito à privacidade deles e nesse sentido acho que é muito bom. (...) têm os jardins, as hortinhas que cultivam, o que faz com que estejam ocupados e distraídos (...) o que para as pessoas que estão autónomas é muito bom.”
Organização da resposta social	- “Em termos de estrutura está organizada através de dois núcleos de moradias com 26 moradias cada, tipo T1, T2 ou T3 e um núcleo central de serviços (...) em termos de organização há uma direcção, o Sr. Padre é o presidente da direcção, há mais 4 elementos, secretários e tesoureiros, depois sou eu a como coordenadora da Aldeia, depois cada serviço tem uma responsável geral, a cozinha, as moradias, há uma empregada de escritório/recepcionista, uma animadora com o 12º ano, enfermeira e médico.”
Capacidade da resposta social	- “O acordo que temos feito com a Segurança Social é de 105 residentes, a capacidade da Aldeia é de 135, mas residentes abrangidos pelo acordo só são 105. Neste momento temos 115, 105 do acordo da Aldeia mais 10 residentes do Lar da Mexilhoeira Grande que sofreu obras de remodelação.”
Potencialidades do projecto	- “ Eu acho que é um sítio completamente diferente, uma pessoa acaba por ter também um bocado de orgulho de trabalhar num sítio diferente dos outros e em que se vê que os idosos estão satisfeitos e são felizes. (...) já aconteceu irmos a outros lares, mas lares tradicionais em que está tudo bonitinho e já houve um ou outro idoso que disse «ah mas ninguém me tira a minha casinha!», só por aí é uma potencialidade. Depois é o facto de a gente aqui não termos horário de visitas, como eles estão em pequenas moradias as famílias vêm à hora que podem (...) muitas vezes vêm depois do trabalho
Constrangimentos do projecto	- “Os constrangimentos talvez da parte da Segurança Social e do licenciamento (...) que nós ainda não temos (...) eles agora exigem que se tenha o título de posse e a licença de utilização e tudo mais, o que é perfeitamente compreensível, só que o que acontece (...) é que exigem que se façam obras de remodelação de acordo com as leis actuais. (...) depois se nós fôssemos a aplicar o manual de qualidade com as exigências que são pedidas não conseguíamos (...) acaba-se por perder muito tempo a preencher papéis e a não conseguirmos dar tanta atenção aos idosos.”

Quadro 4: Caracterização da institucionalização

Caracterização	Conteúdo
Modelo de institucionalização	- “É um modelo de institucionalização diferente (...) o que acontece aqui é que muitas das vezes os idosos vêm por vontade própria (...) embora muitos deles venham de vontade, nos primeiros dias custa-lhes um bocadinho terem de deixar as suas casas e tudo mas depois acabam por se adaptar, podem trazer as coisas deles (...) as molduras dos netos (...), as loiças (...), as rendinhas, as cosinhas deles (...) acaba por ajudar muito também à integração dos próprios idosos, porque ficam com o sentimento de pertença, são as coisas deles (...) que só eles é que utilizam (...) e isso acaba por ajudar muito à situação. (...) Ajuda a fazê-los sentir mais em casa (...) Depois também podem cozinhar em casa... Tudo isso ajuda a fazê-los sentir-se bem aqui.”
Principais motivos que promovem a institucionalização	- “Alguns são por vontade própria, outros não querem dar trabalho à família, dizem mesmo que não querem dar trabalho à família (...) alguns também estavam sozinhos, na solidão, outros também vivem isolados (...) há pessoas que vivem no campo isoladas e também acabam por ter medo de estarem em casa sozinhos e de lhes irem lá fazer mal (...).”
Pedido de institucionalização	- “Algumas vezes são os próprios idosos, outras vezes são os familiares. A maioria é a família apesar de também termos muitos idosos que vêm eles próprios se inscrever (...).”
Intervenção do próprio idoso no processo de institucionalização	- “(...) eles precisam muito de conversar, de conviver (...) algumas pessoas de se sentirem ocupadas mesmo e ninguém lhes diz para irem fazer, eles próprios vêm da autoria deles, querem sentir-se úteis (...) sentem mesmos necessidade de estarem ocupados (...) eu acho que assim é mais fácil para eles a integração porque acabam por estar ocupados ou mesmo a participar nas actividades, é muito mais fácil do que as pessoas que vêm com uma postura do tipo «trabalhei toda a minha vida agora não estou aqui para trabalhar», ninguém lhes pede nada (...) noto é que para essas pessoas é mais complicada a institucionalização do que propriamente para outras (...) o facto de ajudarem e de estarem ocupados acabam por criar mais ligações com os colegas, as próprias funcionárias, acabam por criar outras relações o que acaba por ajudar muito a integração deles.”
A Aldeia na promoção da relação dos idosos com a família	- “(...) queremos responsabilizar um bocadinho as famílias e fazer com que elas não se despeguem totalmente e que, pelo menos, tenham a responsabilidade de acompanhar os pais e os familiares, por exemplo, acompanhar ao médico (...) quando entram pedimos sempre que fique uma pessoa de família como responsável, com quem podemos contactar (...) nota-se que antigamente as famílias estavam mais distanciadas (...).”

Quadro 5: Intervenção social e promoção da autonomia

Categoria	Conteúdo
Conceitos/ procedimentos teóricos usados	- “A teoria é um bocadinho diferente da prática (...) a gente tenta fazer com que eles tenham um envelhecimento activo (...) tento aplicar a questão do empowerment sénior, eles acabam por ser eles próprios a participar nas coisas e a fazer as coisas autonomamente e estou a falar das ajudas em termos de pôr as mesas, do bar, de fazer a barba ao vizinho, substituir uma lâmpada, limpar as folhas secas (...) são eles próprios que fazem por eles (...) no início perguntam se podem fazer e nós incentivamos para isso, nós damos os instrumentos necessários, capacitamos para (...) a partir do momento em que a gente lhes dá essa liberdade eles acabam por ter esse poder (...) fazem por eles próprios. Aqui as teorias são mais na questão do empowerment e da autonomia da pessoa.”
Metodologias mais adequadas à intervenção	- “Os métodos... (...) as conversas informais ajudam muito a que nós percebamos como é que funcionam as coisas, às vezes se formos perguntar directamente nem sempre obtemos a resposta ou não conseguimos saber aquilo que queremos (...) é mais fácil através das conversas informais (...)”
Papel do educador social na Aldeia	- “Receber o idoso, encaminhá-lo para a moradia onde vai ficar, tentar com que ele se integre, acompanhar os residentes, estabelecer contacto com as famílias, actualizar a lista de emergência (...)”
Princípios orientadores da intervenção	- “Os princípios eu tento ser justa quer com os residentes quer com as funcionárias, muitas vezes é preciso saber lidar (...) e não podemos fazer juízos de valor (...) baseio-me nos essencialmente nos direitos dos idosos.”
Importância da promoção da autonomia nos idosos	- “Ao serem autónomos à partida estão mais ocupados, estão mais distraídos o que faz com que não pensem tanto na solidão, não pensem tanto na morte e tenham um envelhecimento mais feliz (...) é diferente de uma pessoa que está dependente e não consegue realizar as suas actividades da vida diária”.
Importância da promoção da autonomia nos idosos residentes na Aldeia	- “Num modelo de instituição destas a autonomia acaba por ser muito importante porque é a partir dessa autonomia e do trabalho deles que a Aldeia se organiza, através da entreaajuda nas coisas mais simples (o ajudar a aquecer o chá, a regar as plantas, ajudar o colega a vazar água no copo, às vezes as coisas mais simples significam muito). É a parte do empowerment sénior e a parte deles se sentirem úteis nas tarefas. É muito importante esta promoção da autonomia junto deles porque assim sentem-se úteis, é a velha questão, uma pessoa ao sentir-se útil sente-se bem com ela própria, sente que é capaz, capaz de fazer alguma coisa (...)”
Outro possível modo de promoção da autonomia na Aldeia	- “Este modelo tem estado a funcionar (...) é certo que depende das pessoas em si, mas no geral tem estado a funcionar, embora possa haver outras técnicas que se poderiam aplicar (...) depois vai muito ao encontro das pessoas, de cada caso específico (...) depois depende há pessoas que realmente participam e há outras que não (...) a maioria das pessoas fazem gosto em participar e há outras que simplesmente não querem e nós não vamos obrigar.”
Participação dos idosos na vida da Aldeia	- “Eles acabam no fundo por ser a própria Aldeia. Temos um grupinho que ajuda na cozinha a tratar da loiça, fazem rendinhas e trabalhos manuais, preparam legumes, põem as mesas, há um idoso responsável pelo bar da Aldeia, outro pelos jardins, pela barbearia, pelas hortas onde colhem os produtos e fazem petiscos (...) o objectivo principal é sentirem-se úteis (...) acabam por fazer muitas coisas e coisas diferentes (...) na Aldeia acabam por funcionar muito em comunidade, em entreaajuda (...)”

ANEXO F: Análise de Conteúdo

Quadro 6: Caracterização dos idosos participantes no modelo da resposta social

Categoria	Conteúdo
Idade	77 anos – E2 e E7; 80 anos – E1; 81 anos – E3; 82 anos – E9; 85 anos – E5; 86 anos – E4; 87 anos – E8; 88 anos – E10; 89 anos – E6
Estado civil	Casado – E2; E3; E4; E5 e E10 Viúvo – E1; E6; E8 e E9 Divorciado – E7
Alfabetização	Sabe ler e escrever – E1; E2; E3; E4; E5 e E7 Não sabe ler nem escrever – E6; E8; E9 e E10
Conhecimento da Aldeia	- “Por vizinhos, ouvi que um Padre no Alcalar começou a construir um lar de idosos diferente.” E1 - “Porque a filha da minha esposa tinha cá o pai e nós viemos visitá-lo e gostamos (...) achamos bonito.” E2 - “Desde que a construção começou que nós tínhamos conhecimento porque o meu marido foi criado mesmo aqui ao pé (...) e eu soube disto desde o princípio, as condições, as coisas todas, tive sempre esse contacto.” E3 - “Morava aqui perto e conhecia o Sr. Padre e acompanhamos a construção da Aldeia de perto.” E4 - “Por o meu filho que trabalhou aqui na construção da Aldeia”. E5 - “Já tinha a minha irmã aqui na Aldeia que tinha vindo para cá com o marido porque não tinha saúde nem possibilidade para estar sozinha, os meus sobrinhos então colocaram a mãe e o pai aqui, o meu cunhado entretanto faleceu e vinha visitá-la e gostava do que via, falei com o meu marido e resolvemos vir, entretanto o meu marido também já faleceu e eu estou com a minha irmã.” E5 - “Morei na Mexilhoeira e lá conheci a obra do Padre Domingos, logo que me divorciei inscrevi-me na Aldeia.” E7 - “Porque morava aqui perto, na Mexilhoeira e conheci o projecto e a construção da Aldeia.” E8 - “Soube da Aldeia através do meu filho.” E9 - “Soube da Aldeia uma vez que estávamos de férias em Lagos e ouvimos falar de um Padre que estava a fazer um lar diferente”. E10
Tempo na Aldeia	1 ano – E5 e E7; 2 anos – E3 e E4; 4 anos – E9; 6 anos – E8; 11 anos – E2 e E6; 15 anos – E1 e E10
Tipologia da habitação	T1 – E2; E3; E4; E5 e E10 T2 – E6; E8 e E9 T3 – E1 e E7 E8 – “Vivo aqui na Aldeia com o meu filho que é portador de deficiência física, teve um acidente de trabalho e ficou paraplégico, na altura quando viemos para a Aldeia veio também a minha esposa que entretanto faleceu.”
Já estive noutra instituição	Não – E1; E2; E3; E4; E5; E6; E7; E8; E9 e E10 - “Não, estive sempre em casa, vim de casa para aqui.” E4 - “Não, estive foi na casa dos meus filhos”. E5 - “Não, saímos da nossa casa e estivemos na casa dos nossos filhos 4 anos, temos um filho e uma filha e passávamos um mês na casa de cada um.” E5
Motivos da institucionalização	Solidão/isolamento – E1; E3; E5; E6; E9 Falta de condições em casa – E2; E3; E5; E8 Idade – E4 Falta de apoio familiar – E7 e E10

	<p>- “Aqui sempre estou acompanhado, tenho actividades (...) tenho o dia todo preenchido(...)” E1</p> <p>- “ (...) nós morávamos no 2º andar e a minha mulher partiu uma perna e não dava para a gente subir e descer e eu também estava muito cansado e então resolvemos vir para aqui (...)” E2</p> <p>- “Estávamos muito isolados em casa, vivia num monte e já não podia trabalhar no campo e não tínhamos condições (...) luz e telefone tínhamos mas para lavar a roupa e para nos lavarmos tínhamos de carregar baldes e a gente já não podíamos fazer essas coisas e não tínhamos transporte, não tínhamos nada (...) e havia muita fama de ladroagem e a gente estava muito isolados e tínhamos medo, decidimos vir para cá.” E3</p> <p>- “A idade, a gente está a ficar velhos e só temos a nossa nora para tratar da gente, o nosso outro filho é solteiro (...) e começámos a pensar que era melhor irmos para aqui porque podiam pôr a gente num lugar que não conhecesse e aqui tínhamos muitas pessoas amigas (...) aqui é perto da nossa outra casa, ainda vamos lá muitas vezes.” E4</p> <p>- “Vivíamos numa casa, num monte isolado, mas a idade foi avançando e não podíamos estar sozinhos e os nossos filhos levaram-nos para a casa deles, passávamos um mês na casa de cada um, mas sabíamos que os estávamos a incomodar nas suas casas, depois foi a falta de apoio porque eles tinham de ir trabalhar e nós ficávamos sozinhos, isso e os problemas de saúde foram os principais motivos que nos trouxeram para a Aldeia.” E5</p> <p>- “Vim para a Aldeia porque eu vivia num sítio muito sozinho (...) não tinha vizinhança nenhuma nem ninguém à vista (...) então o meu filho tinha medo de eu estar lá sozinha com o meu marido e viemos os dois juntos.” E6</p> <p>- “Vim para a Aldeia porque não tinha apoio familiar, não tenho filhos e só tenho o apoio das minhas duas irmãs que também têm as vidas delas e também porque necessitava de um lugar para viver.” E7</p> <p>- “A minha esposa era uma pessoa muito doente e o meu filho teve um acidente de trabalho e ficou paraplégico e não tinham capacidade para estar em casa, por isso viemos para a Aldeia.” E8</p> <p>- “Estava sozinha após a morte do meu marido e os meus filhos colocaram-me aqui na Aldeia.” E9</p> <p>- “Embora ainda estivéssemos bem para estar em casa, eu e o meu marido gostámos tanto da Aldeia e como não tínhamos apoio familiar porque na altura a minha filha estava emigrada na Austrália, decidimos inscrever-se e vir para a Aldeia.” E10</p>
<p>Escolha da instituição</p>	<p>Próprio Idoso – E1; E2; E3; E4; E5; E6; E7; E8 e E10</p> <p>Família – E9 “Foram os meus filhos porque não era bem o meu gosto.”</p>
<p>O que acha do modelo da Aldeia</p>	<p>- “Eu só conheço os outros lares de visita, porque temos ido visitar outros lares, eu acho tudo muito bonito (...) mas para mim não quero comparar, não há comparação, estamos aqui, temos espaço, actividades, convivência, saímos muitas vezes e se quisermos sair mais podemos sair (...) é uma liberdade que não tem igual.” E1</p> <p>- “Isto é um lar diferente dos outros (...) eu gosto disto, gosto do ar, temos aqui campo para passear por aqui e por ali, acho bem (...), nos outros lares não é assim, é um prédio e tem uma sala de estar e quando é à noite cada um tem um quarto e aqui é diferente, é estas casinhas, se é casais temos uma casinha para um casal, depois há casinhas com 3 ou 4 homens ou mulheres e há casinhas com 2 mulheres ou 2 homens...” E2</p> <p>- “Eu acho que isto está muito bom, é diferente (...) sinto-me muito bem aqui porque é tudo pessoas conhecidas, é tudo terreno que eu conheci, faz de conta que somos uma família para mim (...) E estou muito contente, graças a Deus e ainda não me arrependei de nada vez nenhuma.” E3</p> <p>- “Acho bom, isto aqui é livre, podemos sair a qualquer hora, sair para fora, entrar, não é como os outros lados em que estamos fechados e para sair dali só com ordem, não tem as casinhas para estarmos à vontade, aqui é como estarmos na nossa casa, se queremos</p>

	<p>temos a porta aberta, se não queremos fechamos a porta, ninguém tem nada com isso.” E4</p> <p>- “Eu não posso avaliar muito bem porque não estive em outro lar, mas daquilo que conheço acho que este lar tem uma grande largueza assim sobre o campo, a gente podemos ir onde queremos, acho que é mais liberdade, a sala de jantar também é bastante grande (...) os outros lares também não lhes deve faltar nada, até porque eu tinha uma cunhada num lar desses, mas Deus me livre ir para uma altura daquelas, um 3º andar (...) isto aqui é tudo a direito, acho que este lar é diferente (...) eu não me tenho dado mal, enquanto a gente podermos andar sozinhos podemos aproveitar muito isto, é como se estivéssemos na nossa casinha.” E5</p> <p>- “É um lugar muito bonito, muito jeitoso, é uma coisa invulgar (...) é diferente de alguns que tenho visto (...) é uma coisa à nossa vontade, porque eu ainda não vi nenhum igual a este, nem parecido! (...) Gosto de estar aqui (...) tenho estado bem, tenho estado à minha maneira (...) a gente vive à nossa vontade, está bem que nem todas as pessoas são iguais (...) mas vivemos como irmãos, é uma família (...)” E6</p> <p>- “Eu acho que os lares deviam de ser todos como este aqui, isto só quem for mesmo de má agrado é que pode dizer mal disto.” E7</p> <p>- “Acho que não há lar mais nenhum como este! Gosto de estar aqui.” E8</p> <p>- “Não fui eu que escolhi mas até tive sorte porque isto é bom (...)” E9</p> <p>- “Eu não sei muito bem a diferença com os outros lares porque não estive em mais nenhum, mas daquilo que oiço falar e que vou sabendo, acho que este é muito bom, aqui estamos muito à vontade, é como em casa, eu não estranhei nada, trouxe as minhas coisinhas todas, tenho as minhas coisinhas que eu tinha para me governar e tenho, não estranhei nada, lá por não ter muitas casas tenho aquelas que me fazem falta.” E10</p>
<p>Apoio familiar</p>	<p>- “Não tenho filhos (...) mas tenho uma sobrinha, quando eu preciso de alguma coisa ela está ali, é a familiar mais próxima que tenho.” E1</p> <p>- “Tenho nove filhos, dois estão no estrangeiro, os filhos vêm cá pouca vez ao lar (...) quando calha, a minha enteada é que vem cá muita vez, até durante a semana.” E2</p> <p>- Continuo (...) muito apoio, vêm cá muito e não me faltam com nada.” E3</p> <p>- “Sim, apoio dos meus dois filhos e da minha nora que não me faltam com nada.” E4</p> <p>- “Sim dos meus filhos e até dos netos, apoiam-nos sempre.” E5</p> <p>- “Sim, tenho muito apoio do meu filho está-me sempre a ajudar em tudo.” E6</p> <p>- “Tenho da parte das minhas irmãs.” E7</p> <p>- “Tenho duas filhas e mais um filho, num total são quatro com o que vive aqui comigo, vêm todos os sábados visitar-nos e almoçamos aqui com eles.” E8</p> <p>- “Tenho um filho e uma filha mas nem sempre vêm cá porque têm lá a vida deles, não têm vagar, mas se eu precisar de alguma coisa eles vêm aí.” E9</p> <p>- “Sim, a minha filha entretanto regressou a Portugal e quase todos os dias vem à Aldeia ver-nos.” E10</p>
<p>Visitas</p>	<p>- “Eu sou de Monchique, portanto é um bocadinho longe, logo quando vim para aqui recebi muitas visitas até para conhecerem isto, depois as pessoas vão esquecendo, é mais a minha cunhada ou a minha sobrinha, mas pouco, é normal.” E1</p> <p>- “Sim, vou recebendo, mais da minha enteada, dos meus filhos é quando calha, de 8 em 8, de 15 em 15 dias.” E2</p> <p>- “Sim, muitas principalmente dos meus familiares, das filhas, das netas.” E3</p> <p>- “Recebemos ao longo da semana e aos fins-de-semana, principalmente do meu filho mais velho e dos netos, o meu filho mais novo somos nós é que o vamos visitar lá a casa dele. Também recebemos visitas das pessoas amigas e até dos colegas aqui da Aldeia que vêm cá a casa.” E4</p> <p>- “Sim sempre, pelo menos dia sim, dia não vem alguém visitar-nos.” E5</p> <p>- “Não recebo muitas porque vive-se longe uns dos outros, mesmo assim visitam-me</p>

	<p>sempre duas vezes por semana.” E6</p> <p>- “Eu praticamente é que vou visitar as minhas irmãs e os meus sobrinhos, pego no meu carrinho e vou.” E7</p> <p>- “Pelo menos todos os sábados tenho cá os meus filhos que nos vêm visitar.” E8</p> <p>- “Recebo poucas porque costumo ser eu a ir visitar as minhas antigas vizinhas e os meus amigos.” E9</p> <p>- “Sim, dos familiares mais próximos que até nos vêm buscar para sairmos e passarmos o dia ou jantarmos com eles.” E10</p>
Relação com outros residentes	<p>- “É boa, o relacionamento aqui com os meus colegas têm sido muito bom (...) não tenho nada que dizer de ninguém, tratam-me todos como amigo, alguns mesmo como família.” E1</p> <p>- “Tenho boa relação com toda a gente, sou amigo de toda a gente, embora eu veja que há aí pessoas que não têm boa relação com os outros (...) quando há 3 ou 4 pessoas numa casa, ou mulheres ou homens, às vezes não se dão muito bem, todos são diferentes, todos têm o seu feitio (...) mas tenho aqui pessoas muito amigas, como se fossem da minha família.” E2</p> <p>- “(...) tenho boas relações com todos, dou-me bem com todos, tratam-me bem... é já tudo pessoas conhecidas (...)” E3</p> <p>- “Isto aqui é muito bom, é como se fosse tudo uma grande família.” E4</p> <p>- “A gente apoia-se nos outros, tratam-nos bem, cá para mim são todos meus amigos, do melhor que pode ser (...) é como uma grande família.” E5</p> <p>- “É como irmãos, é de família.” E6</p> <p>- “Eu dou-me bem com eles, são companheiros (...) tenho aqui pessoas que são como família e me apoiam muito.” E7</p> <p>- “A gente aqui conhece-se todos e ajudamo-nos todos uns aos outros.” E8</p> <p>- “Somos todos amigos, a gente apoia-se todos.” E9</p> <p>- “Bom, isto há de tudo, há feitios (...) eu cá não tenho nada a dizer de ninguém e comigo acho que agrado a todas as pessoas (...) mas no geral são bons companheiros, é tudo amigos.” E10</p>
Tarefas partilhadas e quotidiano na Aldeia	<p>- “Levanto-me cedo, venho ao bar tratar da loiça e arrumar as coisas (...) depois do pequeno-almoço faço umas barbas aos meus colegas, depois dou uma corridinha na pedaleirazinha que tenho aí ou vou ao ginásio, depois almoço e volto para o bar até às 15:00h para os cafés dos colegas e das funcionárias ou até mesmo dos familiares que vêm aí de visita (...) depois vou fazendo o que é necessário ou levar garrações de água às pessoas, limpar a fonte, trocar umas lâmpadas, arranjar qualquer coisa, qualquer coisa (...) depois do jantar fico na cozinha, faço companhia e dou uma mãozinha a limpar os pratos e depois dali vou para casa jogar um bocadinho de dominó com os colegas, passado das 22:00horas faço um lanchinho e em sendo 23:00h vou-me deitar.” E1</p> <p>- “Eu tenho uma horta, entretenho-me ali a semear, entretenho-me por aqui, às vezes preciso de ir à Mexilhoeira Grande, por exemplo, comprar medicamentos, vou sozinho, apanho o autocarro (...) dou por aí umas voltinhas, aqui na Aldeia, com os outros colegas...” E2</p> <p>- “Arrumo a minha casinha, todos os dias, depois faço alguma coisa quando há assim, uns pontos ou coisa assim, às vezes faço na minha casinha e depois vou lá entregar, assim uns trabalhos que sou convidada para fazer e vou às actividades de animação, tenho sempre aqueles servicinhos para fazer, tenho sempre coisas e aquelas tarefazinhas de casa, as coisinhas...” E3</p> <p>- “Eu ainda faço as tarefas domésticas todas, faço croché, tenho um jardim em volta da casa e sou eu que o faço, o meu marido ajuda-me a carregar uns baldinhos de água, faço umas actividades lá no núcleo, vou ali à escola, depois saio, também converso com as outras senhoras. Às vezes também cozinho aqui em casa, às vezes apetece-nos uma</p>

	<p>coisinha diferente. Em a gente andando entretidas o tempo passa depressa. Aqui eu tenho sempre que fazer. Estou habituada a isso.” E4</p> <p>- “Olhe varrer por aí umas folhas, limpar os jardins, faço uns biscates pequeninos, mas os jardins estão a meu encargo. Cá em casa, como a minha mulher é uma pessoa doente, dou ajuda, faço a minha caminha, a minha mulher faz a dela, arrumo a casa, guardo a roupinha, lavo uns pratinhos quando ela faz as refeições cá em casa. Quando não tenho mais nada para fazer, sento-me um pouco e converso com os amigos, sentamos-se à porta das casas uns 3 ou 4, às vezes 7 ou 8, conversamos, rimos, passa-se o tempo, sempre é uma maneira de vivermos com mais disposição, com mais alegria.” E5</p> <p>- “Participo nas actividades da animadora, ando a aprender a utilizar o computador, não sei ler nem escrever mas conheço as letras, em casa trato da casinha, limpo a casa, o que estiver sujo, varro a rua, lavo uma loiça, ajudo também a tratar da minha irmã, ela está na cama, as funcionárias deixam-lhe lá o comer e sou eu é que lhe vou dar, porque faço questão (...) dedico-me a ela. Vou lá acima fazer as actividades, para fazer pontos e na máquina de costura, quando é preciso.” E6</p> <p>- “Eu trato de um jardim, fora da Aldeia, três dias por semana (segundas-feiras, quartas-feiras e quintas-feiras) para ganhar mais uns trocos, sou responsável pela manutenção, nesses dias tomo sempre o pequeno-almoço na moradia e às 08:00 horas já estou no jardim, às 12:00horas venho almoçar e às 17:00horas tenho o dia feito, depois entretenho-me por aqui pela Aldeia a ajudar a cuidar dos jardins e também às vezes ajudo na horta. Há dias que me apetece, então dou um pulinho à Mexilhoeira.” E7</p> <p>- “Ajudo a pôr as mesas, ajudo as senhoras na cozinha, vamos de manhã para o café, o pessoal vêm-se embora e nós levantamos as mesas, se for preciso lavar a loiça nós lavamos, limpamos e coloca-se a mesa outra vez para o meio-dia e assim para o lanche e para o jantar. Também ajudo a descascar e arranjar os legumes para as refeições e entretenho-me por aí, também ajudo o meu filho.” E8</p> <p>- “Eu ajudo na parte da copa e da cozinha do núcleo, levanto-me todos os dias às 06:00horas para vir pôr as mesas para o pequeno-almoço, de manhã ajudo a descascar cebolas, batatas, cenouras, a arranjar a hortaliça, coisas assim, o que for preciso, depois pomos a loiça para o almoço, depois do almoço ajudo a lavar e a limpar a loiça e assim para o lanche e jantar, ainda é algum trabalho. E ando sempre ocupada por aí, arranjo sempre qualquer coisa para fazer.” E9</p> <p>- “Eu faço as actividades e trabalhos manuais para serem vendidos nas festas e se ganhar algum dinheirinho para ajudar a Aldeia. De resto lá em casa arrumo a roupinha, faço a caminha todos os dias, levo a roupa para a lavandaria, isso o meu marido é que me ajuda, ajeito a casinha (...) até agora faço quase tudo, só elas de 8 em 8 dias é que fazem a limpeza mais a fundo, o resto faço eu.” E10</p>
Deslocação para fora da Aldeia	<p>Sim – E1; E2; E3; E4; E5; E6; E7; E8; E9; E10</p> <p>- “Tenho carro próprio e ainda conduzo e desloco-me para onde quero.” E7</p>
Sensação de autonomia	<p>- “Eu vou fazendo tudo (...) aqui a Aldeia trouxe-me a possibilidade de ser activo, preciso de companhia e preciso de ocupação, não sou capaz de estar no sofá sentado e sozinho e isto é o ideal para mim. Era bom que houvesse mais Aldeias como esta, porque nós aqui temos uma possibilidade única (...).” E1</p> <p>- “Sim, sinto-me bem (...) acho que talvez me sinto assim por a Aldeia ser como é, talvez estas casinhas contribuem muito para isso, nos outros lares não é assim, aqui é diferente.” E2</p> <p>- “Aqui sinto-me livre, uma pessoa se quer estar em casa está, se não quer vai dar um passeiozinho, às vezes aqui na Aldeia, outras vezes aqui nos arredores um bocadinho (...) faço o que me apetece, faço as minhas coisinhas e sinto-me muito bem.” E3</p> <p>- “Aqui somos independentes, só o que temos de fazer è quando vamos sair de autocarro avisar a funcionária da recepção para não ficarem preocupados, mas isso não tem</p>

	<p>problema. Faço as minhas coisinhas todas, felizmente.” E4</p> <p>- “Por hora sinto-me independente e autónomo, sem qualquer restrição do que tenho para fazer, enfim, estou bem assim.” E5</p> <p>- “Sinto-me, faço as minhas coisas, ninguém me chateia, sinto-me igual ao que eu gosto, estou à minha vontade, deito-me quando quero, levanto-me quando quero, quando vejo que há necessidade de me levantar, faço o que for preciso, ajudo as outras pessoas.” E6</p> <p>- “Sim, aqui, embora seja um lar, sinto-me autónomo e sou independente, porque é diferente, vou para onde quero, quando quero, ninguém me chateia, faço a minha vida.” E7</p> <p>- “Sim, porque eu faço as minhas coisinhas todas e ajudo o meu filho.” E8</p> <p>- “Sinto-me sim, sinto-me com coragem... sinto-me satisfeita por conseguir fazer as minhas coisinhas e ainda ajudar aqui na Aldeia e estou bem e é bom para mim e parece que me dá saúde.” E9</p> <p>- “Sim, então eu continuo a fazer tudo o que tenho para fazer (...) e isto ser assim também ajuda e muito (...).” E10</p>
<p>Mudaria alguma coisa na Aldeia</p>	<p>- “Eu acho que está bem assim (...) aquilo que eu conheço do dia-a-dia não mudaria nada... é uma possibilidade que é única porque quase todos nós que estamos aqui somos pessoas da vida rural (...) temos uma reforma pequenina mas entramos todos (...) e isso é muito bom, há poucos lares com esta possibilidade e aqui somos todos iguais e todos tratados de igual modo (...) Estou feliz, estou contente de estar aqui.” E1</p> <p>- “Há aqui uma coisa que eu não gosto, posso dizer-lhe o que é... Eu pertenço à Igreja Evangélica e não gosto deste ambiente, destas imagens que há por aí e das pessoas se benzerem, é contra a Bíblia Sagrada, é isso que no meu ver mudava e vinha para aqui uma pessoa que soubesse ensinar a parte de estar em contacto com Deus, porque nós deveríamos estar em contacto com Deus todos os dias e não com as imagens, a Bíblia Sagrada fala que Deus proíbe as imagens... Era isso que eu mudava, mas há liberdade religiosa, eu não sou obrigado a ir à missa, há liberdade religiosa.” E2</p> <p>- “Eu acho que como está bem, está tudo a correr bem (...) para mim deixava estar como está que está tudo muito bem feito (...) o Sr. Padre é que tem traçado os caminhos disto e terminado as coisas com muito respeito, tem sido um grande homem.” E3</p> <p>- “(...) eu só acho que era preciso um bocadinho mais de compreensão da parte de alguns colegas com os outros, já se sabe que há feitios diferentes e que as pessoas nunca estão todas sempre satisfeitas.” E4</p> <p>- “ Há uma coisa que me calhava bem se fosse (...) eu precisava de mais um amigo ou dois que me desse ajuda a limpar , porque há muito serviço para fazer aqui fora, quer limpar, varrer (...) se eu tivesse um amigo ou dois aí dava-me muito jeito, isso era uma paródia a fazer o serviço (...) por hora não há mais ninguém que ajude, têm as outras tarefas para fazer.” E5</p> <p>- “Não, não! (...) não podemos exigir mais do que temos, graças a Deus somos bem tratados, não nos falta nada (...).” E6</p> <p>- “Da minha parte, acho que isto mais ou menos (...) eu não tenho razão nenhuma (...) estou satisfeito de ter vindo para aqui, acho que foi uma boa escolha, senão estaria sozinho e não tinha apoio, foi uma boa opção que fiz vir para aqui.” E7</p> <p>- “Eu para mim está tudo bem, não poderia mudar nada para melhor, no princípio custou-me muito por causa de deixar a minha casinha mas tinha de vir para ajudarem a minha esposa e o meu filho, mas agora já não custa, sou feliz aqui e gosto de cá estar.” E8</p> <p>- “Não, eu gosto de cá estar, no princípio não gostava muito, mas agora gosto, sinto-me aqui bem, não mudava nada.” E9</p> <p>- “Pois o que poderia aqui ser era um bocadinho mais de respeito pelas empregadas (...) mas são feitios (...). De resto devia de haver mais luzes porque há uns sítios que estão muito às escuras e aquilo faz falta ali. Mais nada (...).” E10</p>

CURRICULUM VITAE

Curriculum Vitae

Informação pessoal

Apelido / Nome(s) próprio(s) **Veiga Fontes, Sophie**
Morada Rua Dr. Salvador Romeiras da Costa, nº 14
7080-157, Vendas Novas
Telefone 265085769 Telemóvel: 914295846
Correio electrónico veiga.sophie@gmail.com

Nacionalidade Portuguesa

Data de nascimento 03.03.1987

Sexo Feminino

Educação e formação

Datas De Setembro de 2006 a Julho de 2009

Designação da qualificação atribuída Licenciatura em Serviço Social

Principais disciplinas/competências profissionais Serviço Social I, II, e III; Ética e Deontologia do Serviço Social; Metodologia e Prática da Intervenção Social; Política Social; Direito da Família; Psicologia da Família; Psicologia Social; Populações em Risco; Intervenção Precoce; Intervenção Social e Comunitária; Sociologia Geral; Gestão e Administração de Instituições Sociais

Nome e tipo da organização de ensino ou formação Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação

Experiência profissional

Data De 18 de Maio de 2009 a 24 de Julho de 2009

Função ou cargo ocupado Estágio curricular
Assistente Social responsável pelo Serviço de Apoio Domiciliário

Nome e morada do empregador Associação Infanta D. Mafalda – Centro Estêvão Pernet
Rua Professor Sousa da Câmara, n.º 196
1070-219 Campolide, Lisboa

Tipo de empresa ou sector Instituição Particular de Solidariedade Social

Datas De 15 de Novembro de 2009 a 16 de Novembro de 2010

Função ou cargo ocupado Estágio Profissional – Programa de Estágio Profissionais, Portaria n.º129/2009, de 30 de Janeiro
Assistente Social

Aproveitamento obtido: BOM

Nome e morada do empregador	“Raízes do Tempo, Lda.” – Residência para Idosos Rua José Francisco Fragoso, n.º 32 7080-036 Vendas Novas					
Tipo de empresa ou sector	Instituição Privada de Apoio Social					
Datas	Desde 17 de Novembro de 2010					
Função ou cargo ocupado	Directora Técnica / Assistente Social					
Nome e morada do empregador	“Raízes do Tempo, Lda.” – Residência para Idosos Rua José Francisco Fragoso, n.º 32 7080-036 Vendas Novas					
Tipo de empresa ou sector	Instituição Privada de Apoio Social					
Outra(s) língua(s)						
Auto-avaliação	Compreensão		Conversaço		Escrita	
<i>Nível europeu</i> (*)	Compreensão oral	Leitura	Interacção oral	Produção oral		
Francês	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom	Bom	
Inglês	Elementar	Elementar	Elementar	Elementar	Elementar	
	(*) <i>Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)</i>					
Aptidões e competências sociais	<ul style="list-style-type: none"> - Espírito de equipa; - Capacidade de sociabilizar com grande facilidade; - Boa capacidade de comunicação; - Adaptação a ambientes multiculturais. 					
Aptidões e competências de organização	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de liderança; - Sentido de responsabilidade e de organização; - Capacidade de gestão de projectos e de equipas. 					
Aptidões e competências informáticas	Domínio do software Office (Word, Excel e PowerPoint), e portador do diploma de Competências Básicas em Tecnologias da Informação, de acordo com o Decreto-Lei n.º 140/2001, de 24 de Abril.					
Outras aptidões e competências	<ul style="list-style-type: none"> - Membro da Bússola, ADL – Associação de Desenvolvimento Local de Vendas Novas; - Participação em acções de voluntariado; - Participação em campanhas de sensibilização. 					
Carta de condução	Carta de Veículos Ligeiros (categoria B), emitida a 08/03/06 pela Direcção Geral de Viação de Setúbal					